



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

JEFFERSON XAVIER FREIRE DA COSTA

*IN-BETWEEN: UMA ANÁLISE DO USO DE CODE-SWITCHING NO LIVRO  
A CASA NA RUA MANGO DE SANDRA CISNEROS*

João Pessoa

2022

JEFFERSON XAVIER FREIRE DA COSTA

***IN-BETWEEN: UMA ANÁLISE DO USO DE CODE-SWITCHING NO LIVRO A CASA  
NA RUA MANGO DE SANDRA CISNEROS***

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Letras Inglês, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba UFPB, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Gonçalves Gomes.

João Pessoa – PB  
2022

C838i Costa, Jefferson Xavier Freire da.

IN-BETWEEN: UMA ANÁLISE DO USO DE CODE-SWITCHING

NO

LIVRO A CASA NA RUA MANGO DE SANDRA CISNEROS /  
Jefferson Xavier Freire da Costa. - João Pessoa,  
2022.

64 f. : il.

Orientação: Renata Gonçalves Gomes.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Identidade. 2. Movimento Chicana/Chicano. 3.  
literatura. 4. A Casa na Rua Mango. 5.  
code-switching.

I. Gomes, Renata Gonçalves. II. Título.

UFPB/CCHLA

JEFFERSON XAVIER FREIRE DA COSTA

***IN-BETWEEN: UMA ANÁLISE DO USO DE CODE-SWITCHING NO LIVRO A  
CASA NA RUA MANGO DE SANDRA CISNEROS***

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Letras Inglês, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba UFPB, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Inglês, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Gonçalves Gomes.

Data da Aprovação 13/06/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Gonçalves Gomes - UFPB - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Débora Souza da Rosa - UFPB - Examinadora

---

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena - UFPB - Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaine Espindola Baldissera - UFPB - Examinadora suplente

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe que com garra lutou para que eu chegasse até aqui, se desdobrando em mil para poder promover a educação de seus filhos, pois não possuiu o mesmo privilégio. Sempre com imensa paciência e dedicação, se doou para que seus filhos pudessem ter a vida que ela não teve.

Ao meu companheiro, Laerte, que me dá apoio para seguir em frente, mesmo quando as incertezas se aproximam, acordávamos bem cedo, ele me deixava totalmente à vontade para escrever e me perguntava sobre o andamento deste projeto, sempre me encorajando.

A Michele Gonzales, *en realidad, no sé quién eres, you're just a name on a book I bought at Half Price Books in Phoenix, Az. It was the day after Christmas, I had called the store a day before, so they could spare me a copy, and there I went. I received it with your notes, a nice round handwriting you've got. Tengo que agradezerte a ti. ¡Gracias!*

À Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pela formação de excelência; A minha turma de 2016.2 e outras que me acolheram, agradeço pelos momentos memoráveis que passamos juntos ao longo de todos estes anos de graduação, foram muitas vivências.

Ao corpo docente do curso de letras inglês que me proporcionou tantos aprendizados, gostaria de agradecer em especial à professora Genilda Azeredo, Carla Reichmann, Betânia Medrado e Rubens Marques.

À minha orientadora Renata Gonçalves Gomes, que sempre com calma e delicadeza me norteou para que alcançasse a confecção deste trabalho. A sua primeira aula sobre J.D. Salinger me deixou tão empolgado que fui buscar mais autores para ler. Posteriormente, foi minha orientadora no PRODELE (Programa Departamental de Extensão em Línguas Estrangeiras) vinculado ao DLEM (Departamento de Letras Estrangeiras Modernas) e pudemos trabalhar em uma temática voltada ao ensino, fator que contribuiu para a nossa afinidade acadêmica.

*“Gosto de contar histórias. Vou contar uma história sobre uma garota que não queria pertencer.”<sup>1</sup>*  
(Esperanza Cordero, ‘A Casa na Rua Mango’, Cisneros, 2009, p.109)

---

<sup>1</sup>Em tradução livre: “I like to tell stories. I am going to tell you a story about a girl who didn’t want to belong”(Cisneros, 2009, p.109). As traduções de trechos da obra A Casa na Rua Mango serão feitas a partir das minhas interpretações, visando dar um caráter mais autoral ao trabalho. Para uma outra tradução, consultar a edição da Editora Dublinense feita pela tradutora Natália Borges Polessio.

## RESUMO

Buscando uma ressignificação sobre o que era de fato a identidade e a experiência de ser Chicana/Chicano nos EUA, surge o Movimento Chicana/Chicano (*El Movimiento*) que com suas ramificações em vários campos, como o da literatura, faz despontar *A Casa na Rua Mango*, escrita por Sandra Cisneros, estabelecendo um retrato da comunidade Chicana através das lentes de uma narradora em processo de autodescoberta, fazendo uma crítica ao contexto de desigualdade legado ao povo. Como elemento distintivo desta comunidade, a língua se apresenta como marcador identitário, apresentando fenômenos de contato entre línguas, como o *code-switching*. Dando ênfase ao fenômeno, este trabalho tem como objetivo explicitar, contabilizar, categorizar e traçar um caminho interpretativo para agrupá-los através de (DABENE & MOORE, 1995) que os categorizam de acordo com a suas posições. A fim de alcançar o objetivo desta pesquisa, utilizou-se, como base teórica uma perspectiva identitária, histórica e cultural através de (HALL, 2006, ALANIZ & CORNISH, 2008) e uma perspectiva sociolinguística (SPOLSKY,1998, BAGNO, 2007) que possibilita a interpretação de aspectos diversos da comunidade Chicana através dos fenômenos linguísticos. O *corpus* é constituído (DABENE & MOORE, 1995), (Torres, 2007) e (SPOLSKY,1998). O objetivo é estabelecer um elo entre características linguísticas, semânticas e escolhas narrativas fornecidas através da obra, buscando interpretá-las de maneira que façam sentido os seus usos reais. Os resultados demonstraram que os fenômenos de *code-switching*, embora de difícil interpretação, possuem características singulares que remetem à identidade da comunidade Chicana.

**Palavras-chave:** Identidade; Movimento Chicana/Chicano; literatura; *A Casa na Rua Mango*; code-switching

## ABSTRACT

Seeking a re-signification of what the identity and experience of being a Chicana/Chicano in the USA, the Chicana/Chicano Movement (*El Movimiento*) emerges, which with its ramifications in various fields, such as literature, emerges *The House on Mango Street*, written by Sandra Cisneros, establishing a portrait of the Chicana/Chicano community through the lens of a narrator in the process of self-discovery, criticizing the context of inequality bequeathed to the people. As a distinctive element of this community, language presents itself as an identity marker, presenting phenomena of contact between languages, such as code-switching. Emphasizing the phenomenon, this work aims to explain, account, categorize and trace an interpretative path to group them through (DABENE & MOORE, 1995) who categorize them according to their positions. In order to achieve the objective of this research, an identity, historical and cultural perspective (HALL, 2006, ALANIZ & CORNISH, 2008) and a sociolinguistic perspective (SPOLSKY, 1998, BAGNO, 2007) were used as a theoretical basis. It allows the interpretation of different aspects of the Chicana/Chicano community through linguistic phenomena. The corpus is constituted (DABENE & MOORE, 1995), (Torres, 2007) and (SPOLSKY, 1998). The objective is to establish a link between linguistic and semantic characteristics and narrative choices provided through the work, seeking to interpret them in a way that makes sense of their real uses. The results showed that the code-switching phenomena, although difficult to interpret, have particular characteristics that refer to the identity of the Chicana/Chicano community.

**Keywords:** Identity; Chicana/Chicano Movement; literature; *The House on Mango Street*; code-switching

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>14</b>
2.1 GLOBALIZAÇÃO E LITERATURA CHICANA	14
2.2 A(S) IDENTIDADE(S) CHICANA(S)	18
2.3 O MOVIMENTO CHICANA/CHICANO	24
2.4 LÍNGUA, BILINGUISMO E <i>CODE-SWITCHING</i>	27
<b>3. ANÁLISE DE <i>CODE-SWITCHING</i> DENTRO DA OBRA A CASA NA RUA MANGO</b>	<b>36</b>
3.1 SANDRA CISNEROS E A CASA NA RUA MANGO	36
3.2 ANÁLISE DOS DADOS	48
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE A - GRÁFICO DE AUTORES</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas a globalização propiciou a expansão de fronteiras, mas não somente aquelas geográficas foram modificadas, tal processo se colocou como agente acelerador de fragmentação de cunho identitário nos indivíduos. O conceito e a real aplicação de globalização foram difundidos e intensificados pela mídia, resultado de um período de avanço das telecomunicações em favor do capitalismo, que via nesta expansão uma forma de conseguir novos mercados, fazendo com que toda esta homogeneização chegasse aos quatro cantos do globo. Santos acredita que (2000, p.23-24) “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. A ideia de globalização empurra os limites da definição de uma sociedade clássica e símile, transcende de algo delimitado e contido em si, que levou anos para adquirir forma, a algo mais fluido, multifacetado e sobretudo precário.

Tal processo provocou um tom de constante (re)negociação na identidade dos indivíduos que como caracterizado por Stuart Hall, passaram a ser fragmentados, não mais como algo estático contido em si. O próprio (2006, p.87) admite tal processo quando afirma que “a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar identidades centradas e fechadas”. O sujeito na modernidade é retratado como detentor de múltiplas identidades e elas se apresentam como precárias e mutáveis, dando espaço a um processo de formação e complemento identitário. O sujeito pós-moderno, resultado de mudanças que tornaram esse processo de identificação mais instável, fluido e provisório, está atrelado a transformação e descentramento profundo, já que, na conjuntura global, somente uma identidade de caráter singular não seria capaz de atender às urgências, anseios e papéis desenvolvidos pelos indivíduos em diversas instâncias de suas vidas.

Em contexto contemporâneo de maior fluidez identitária, como uma forma de resistência, pessoas de ancestralidade mexicana dentro das fronteiras dos Estados Unidos lutam para manter os seus laços culturais, reivindicando o direito a perpetuar tradições linguísticas e validação de sua brava história de resistência por parte das autoridades. Por mais de 150 anos, as/os Chicanas/Chicanos buscam igualdade econômica e social, condições de acesso igualitárias às instituições de ensino e mundo do trabalho, em meio a um sistema que se comporta de maneira negligente perante às suas necessidades como resultado de anos de

exclusão e marginalização. Como forma de atenuar preconceitos, surge então o Movimento Chicana/Chicano (1940-presente), *El Movimiento*, como assim também conhecido, nasceu numa época em que se criava uma compreensão acerca da importância da comunicação como transmissora de eventos, e principalmente formadora da ideologia. Privilegiando vários ramos, o movimento buscava uma ressignificação sobre o que era de fato a identidade Chicana e a experiência de ser Chicana/Chicano nos Estados Unidos para todos da comunidade. Sua propagação foi significativa em vários campos como na política, literatura, artes visuais, etc.

No campo da literatura, os acréscimos de uma identidade específica ao indivíduo e a formação de outras, foi um aspecto amplamente explorado por escritoras/escritores e artistas Chicanas/Chicanos, devido aos seus múltiplos níveis de significância. Escritoras/Escritores como Anzaldúa, Valdez, Anaya, Delgado, Sánchez, Gonzales, atuam como intérpretes e difusores, estabelecendo uma ligação em prol de uma reconciliação com a história, servindo também como introdutoras/introdutores desta cultura para o mundo. Como um dos nomes que emerge deste contexto, está o de Sandra Cisneros, nascida em Chicago. Foi professora e conselheira de alunas/alunos atuando em universidades de prestígio. A *Casa na Rua Mango*, publicado em 1984, foi a primeira obra de destaque da autora que tem como protagonista e narradora a preadolescente Esperanza Cordero. Ao longo da obra pode-se acompanhar, através de suas lentes, a sua própria jornada de autodescoberta durante um ano, no qual é forçada a amadurecer, traçar planos para o futuro e conviver com as discriminações impostas pela sociedade. Através dos olhos de uma jovem, o leitor é apresentado a uma gama de personagens, com destaque para as personagens femininas que enfrentam desafios recorrentes no cotidiano das mulheres na opressora e patriarcal comunidade Chicana/Chicano em que se encontram. A narrativa exerce uma crítica ao papel que as mulheres ocupam no âmbito familiar e social da comunidade, bem como ao contexto de marginalização que a própria comunidade está inserida. Como uma jovem atravessando uma fase de descobertas, Esperanza logo entende o local que a sociedade impõe às/aos Chicanas/Chicanos, às mulheres e principalmente às mulheres Chicanas, e se recusa a se colocar nesta posição inferior, mesmo que seja rotulada como transgressora.

Para criar uma reflexão sobre os mecanismos de submissão impostos ao gênero feminino na sociedade Chicana, e em outras sociedades, adotamos neste trabalho uma

perspectiva de inversão ao termo masculino Chicano na frase. Ele será sempre apresentado da seguinte forma: Chicana/Chicano, desta maneira, estaremos mais em conformidade com a frente feminista do Movimento Chicana/Chicano, que em 1990 promoveu esta alternância visando o combate à desigualdade de gênero na própria língua. Ao longo do trabalho o leitor irá se deparar com substantivos masculinos acrescentados da adjetivação Chicana/Chicano, as respectivas trocas de gênero foram seguidas na língua portuguesa. A palavra Chicana/Chicano será sempre com letra maiúscula, independentemente de sua posição, para trazer um caráter de assertividade e afirmação de identidade.

A língua é um dos elementos distintivos da cultura Chicana, já que, através da linguagem, não só a cultura, mas os valores são transmitidos de geração a geração. A comunidade Chicana tem como primeira língua o inglês ao contrário do que se pensa, o espanhol atua como segunda língua para muitos de seus integrantes, pois a comunidade Chicana se desenvolveu de maneira independente da mexicana dado o cenário de sua formação. A variedade adotada pela comunidade é o inglês Chicana/Chicano, o qual não apenas se restringe às zonas de fronteira México-estadunidenses, mas se expandiu e está presente nos EUA como um todo. Com características sólidas que o diferem de outras variedades da língua inglesa, tais como léxico, prosódia e fonética, a variedade Chicana é difundida dentro da comunidade e se apropriou de alguns fenômenos estudados pela Sociolinguística trazendo para si um caráter particular. O *code-switching* é uma manifestação evidente em falantes que se encontram em comunidades bilíngues, os chamados *in-betweens*<sup>2</sup>. Spolsky (1998, p.49) o explica como sendo o uso lado a lado de dois sistemas gramaticais de línguas, ou subsistemas gramaticais em um mesmo ato de fala de falantes bilíngues.

Situado no campo interseccional entre sociolinguística e literatura, o objetivo geral deste trabalho é fazer uma análise da aplicação de usos de *code-switching* no livro *A Casa na Rua Mango*. Serão exploradas duas frentes, uma sociolinguística à luz de Dabene & Moore (1995) que categoriza a ocorrência de *code-switchings* nos turnos de fala. Turnos estes, divididos em intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados baseados na posição das alternâncias nas sentenças. A segunda está mais alinhada com a literatura e à luz de Torres (2007) categoriza como as/os autoras/autores Chicanas/Chicanos usam o espanhol em suas obras para refletir a realidade encontrada na comunidade. Ao propiciar uma visão

---

<sup>2</sup> Conceito de Bhabha (2003), o de entre-lugares das línguas e das identidades. Manteremos a preferência pelo termo *in-between* ao longo do trabalho.

interdisciplinar tendo o tema do *code-switching* no centro, este trabalho se ampara na literatura para fundamentar as suas bases para o seu desenvolvimento em torno da sociolinguística. O embasamento teórico, através de pesquisa bibliográfica foi crucial para um desenvolvimento crítico-reflexivo que busca não somente documentar, mas também criar um olhar sobre todo o processo de marginalização, preconceito e exclusão no qual a comunidade Chicana ainda se encontra inserida nos dias atuais. A fim de alcançar o objetivo desta pesquisa, utilizou-se, como base teórica, contribuições de diferentes autores (Apêndice A) e temas como identidade, literatura, história de formação Chicana, sociolinguística, dentre outros.

A opção por este tema está relacionada a uma experiência minha como aluno da disciplina de Literatura Americana III, no curso de letras inglês da UFPB. Esta disciplina apresentava uma gama de autores considerados não-canônicos para a literatura de língua Inglesa nos EUA. Foi a disciplina de literatura que mais me conquistou, pois eu me senti de alguma forma representado e, em mim, gerou um processo de identificação. Por meio de um seminário, tive acesso à obra *A Casa na Rua Mango* da autora Chicana Sandra Cisneros e me envolvi em descobrir mais sobre as/os Chicanas/Chicanos. Muito confundidos com os mexicanos, as/os Chicanas/Chicanos ainda buscam a sua visibilidade, até pela similaridade de seu gentílico, e outros aspectos. Como nordestino e brasileiro, sou parte de um apagamento histórico após uma invasão das potências européias, em especial Portugal, que nos forjou como nação com raízes desconhecidas. Este trabalho é uma maneira de resgatar também a minha história, já que em um teste de genética, descobri que sou 12% Centro-americano (grupo que ainda inclui o México, mesmo estando na América do Norte), 63% europeu (predominância Ibérica), 13% Africano (predominância do oeste da África), 10% do Oriente Médio, Magrebe e Judaica 12%. Não importando o fato das porcentagens, saber de onde vêm os meus antepassados contribuiu para o meu autoconhecimento. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) me categorizaria como pardo. Embora a minha certidão de nascimento diga em letras maiúsculas que eu sou branco atribuindo a mim tal tonalidade de pele, como eu me defino? Aos meus olhos, ou aos olhos dos outros? Uma coisa é certa, eu sou não-Branco! Mas, ser não-Branco ainda não me define. Eu sou mulato, caboclo, cafuzo e o termo que eu mais me identifico, MESTIÇO, assim como muitos dos Chicanas/Chicanos.

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em cinco capítulos, a saber:

- Seção 1 - **Introdução:** Neste, trago as razões da escolha da temática objetivando os reais propósitos da pesquisa que culminará por mostrar a importância do uso de *code-switching* na comunidade Chicana. Indicando relevância do tema tratado; conta ainda com a justificativa, os objetivos, o percurso metodológico de desenvolvimento do trabalho e a sua estrutura.
- Seção 2 - **Fundamentação teórica:** Apresenta três subcapítulos, o primeiro um referencial histórico e teórico que busca estabelecer um paralelo entre globalização, literatura e literatura Chicana. O segundo será dedicado a identificar a fragmentação das identidades em contexto de globalização, evidenciando o contexto histórico de formação da comunidade Chicana. Com pesquisas feitas em vários livros, teses e artigos sobre a temática, foi possível tecer comentários, apontando hipóteses para o tema em questão.
- Seção 3 - **Análise do *code-Switching* dentro da obra A Casa na Rua Mango:** Composto de dois subcapítulos, o primeiro discorrerá sobre a vida e obra da autora Sandra Cisneros, sua importância para a comunidade Chicana e a sua obra de destaque A Casa na Rua Mango. O segundo traz os dados da obra, relacionando-os com o fenômeno de *code-switching* e propondo um caminho interpretativo para a análise deste fenômeno.
- Seção 4 – **Considerações Finais:** são tecidas as considerações e as reflexões sobre o uso do *code-switching* na obra, trazendo um apanhado do assunto abordado e salientando o caráter identitário e sua importância para a comunidade Chicana.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para melhor organizar o desenvolvimento do trabalho em curso, divido esta fundamentação teórica em quatro partes, a primeira versará sobre globalização e literatura Chicana buscando traçar as influências da conjuntura global no ramo da literatura, em especial para a de origem Chicana. Logo depois, nas partes dois e três, versaremos sobre a(s) identidade(s) Chicana(s) em um mundo globalizado e a importância do Movimento Chicana/Chicano para esta(s) identidade(s) e como, a partir dele, surgiu um braço literário do qual despontou a autora Sandra Cisneros e a sua obra *A Casa na Rua Mango*, sobre a qual seguirá nossa análise. A última parte se dedica a mostrar a importância da língua como parte do processo de identidade e como os fenômenos de contato bilíngue podem ajudar neste processo.

### 2.1 GLOBALIZAÇÃO E LITERATURA CHICANA

As últimas décadas foram importantes por terem propiciado várias transformações globais no que se diz respeito ao modo de vida, apreensão de conhecimento e o surgimento de novas formas de interação, sejam elas do ponto de vista de contato entre nações, pessoas ou ideias. Tal cadeia de conexões enraizou-se de forma rápida e eficiente em distintos âmbitos, sejam eles econômico, social, cultural e ou político, através de avanços advindos das tecnologias de telecomunicações. Para atender ao capitalismo e aos países desenvolvidos, o processo da telecomunicação veio como facilitador na obtenção de novos mercados consumidores para estes países os quais atuaram na busca por novos investimentos em atividades econômicas, inaugurando uma nova era chamada de era da informação. Neste sentido, Silva (2005, p.36) esclarece que ela “é movimentada por uma diversidade de ferramentas em que a microeletrônica é o elemento chave e está aliada a outros dispositivos técnicos que põem em movimento o mundo contemporâneo de maneira diferente de outrora”. Nesta era da digitalização, cada vez mais se difunde a necessidade de se utilizarem as novas tecnologias da informação e comunicação e, como consequência, tem-se a ideia de que o mundo tornou-se menor ou encurtou, sendo comprimido pelas tecnologias atuais. Santos (2004, p.19) afirma que o processo de globalização da economia, cultura, comunicação e

tecnologia trouxe consequências que atingiram a vida e o pensamento dos indivíduos. Foram múltiplas as mudanças ocorridas com relação a vários âmbitos da vida em sociedade.

O mundo vive em tal fugacidade que o que está sendo significativo nos dias atuais, amanhã poderá não ser mais. Vivemos na contemporaneidade, em um mundo onde ao mesmo tempo em que as coisas estão ao alcance de nossas mãos, elas estão longe. Segundo Santos (2005, p.98), “O mundo de hoje é o cenário chamado tempo real porque a informação se pode transmitir instantaneamente”. O conceito e a real aplicação de globalização foram difundidos e intensificados pela mídia, fazendo com que todo este fenômeno chegasse aos quatro cantos do globo. No campo da literatura não poderia ser diferente, com transformações significativas advindas da conectividade da era digital, a forma que a consumimos foi se modificando ao longo dos anos, embora uma parte conservadora ainda negue tais transformações e se atenha firmemente a ideia de que algo se transformou de fato, os efeitos deste fenômeno são evidentes. A internet por exemplo, como fruto da era da digitalização, influencia de maneira direta a produção e a recepção literária nos dias atuais. Os aplicativos para celular, *tablets* e *smart TV*, bem como aplicativos de leitura digital *online* utilizam uma nova linguagem que facilita o acesso às obras literárias, de maneira a encurtar o percurso entre leitor e obra. Como corrobora Gupta em seu livro *Globalization and literature* (2009):

Não é apenas que a literatura representa os efeitos de tal conectividade global, mas ela própria é afetada por essa conectividade em seus modos expressivos, suas formas textuais, suas recepções como literatura. Tais conceitos como autoria literária, leitores e textualidade em si são tensionados e testados em novas formas, de modo que, provavelmente, a literatura, por assim dizer, cresce em alcance. (GUPTA, 2009, p.53)

Hoje em dia é fácil termos contato com inúmeros trabalhos literários de diferentes culturas, línguas e contextos os quais, em um mundo no qual a globalização não existisse, tornaria a tarefa de encontrá-los mais árdua. Com as transformações advindas da globalização, os trabalhos literários, e de uma maneira mais objetificada, o livro, tornaram-se mais uma peça de xadrez no *hall* do capitalismo. Antigamente, o livro tinha um valor afetivo muito grande, devido à dificuldade em se obter um exemplar, poucas cópias eram feitas, dando um caráter exclusivista aos que os possuíam. Hoje em dia esse valor é capitalizado e não necessariamente exclusivista, já que prioriza-se o efeito manada. Os chamados livros

*best-sellers* são um grande exemplo de tal efeito, movimentam uma indústria baseada no consumo que gera receitas altas e por justamente estarem elencados nestas listas, acabam atraindo a atenção do público através de uma popularização. Os livros tornam-se reféns da cultura *pop* e aliado a outras linguagens da arte, investem em geração de mais lucro.

Ao longo do tempo, a literatura mostrou-se uma importante mediadora entre o indivíduo e a sociedade. Por meio dela, o indivíduo aprimora as relações com os outros, consigo mesmo e com o mundo cultural e social no qual se insere. Por ser uma expressão essencialmente humana, não se pode ignorar ser a arte literária também expressão histórica, social e cultural. Hoje, em função das mudanças ocorridas no cotidiano das pessoas, o texto literário dos novos tempos impõe outros paradigmas de representação, e sugere um novo tipo de leitura e de leitor.

Em meio a conflitos identitários, por mais de 150 anos, pessoas de ancestralidade Mexicana dentro das fronteiras dos Estados Unidos lutam por dignidade, liberdade da exploração imposta, respeito à sua cultura, direito a perpetuar tradições linguísticas e sua brava história de resistência. Eles obtiveram ganhos significativos, mas a batalha por igualdade continua e ainda parece inatingível, mesmo sendo um grupo significativo na sociedade atual dentro do território. Primeiramente, como lugar específico, estavam localizados em zonas fronteiriças México-estadunidenses, mas posteriormente se expandiram a vários bolsões por todo o país. Aparentemente, a ideia de fronteiras diluídas ou enfraquecidas apenas se aplica a produtos, a serviços vendidos em sua grande maioria, a fronteira realmente existe como um espaço físico e geográfico de segregação, mas também psicológico, forjada no Nós/Eles<sup>3</sup>, como definido por Anzaldúa em seu livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987):

Existem para definir quais são os lugares seguros e não seguros, para distinguir o nós do eles. (...) Terra de fronteira é um lugar indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma fronteira que não é natural. É um constante estado de transição. O proibido é o que habita ali. (ANZALDÚA, 1987, p. 3)

O tema da fronteira ganha centralidade na cultura Chicana e é desenvolvida por vários segmentos na comunidade, inclusive na literatura, o qual compartilha a autora Sandra

---

<sup>3</sup>Othering - Teoria dos estudos pós-coloniais que vê a distinção de “nós” de “eles”, envolve o dominação do endogrupo que se declara superior ao o exogrupo e nega a subjetividade e singularidade do outro.

Cisneros em várias de suas obras. Na obra *A Casa na Rua Mango*, não poderia ser diferente, a fronteira também é retratada, mas de maneira imposta. Anzaldúa (1987, p. 4) expande a ideia de fronteiras definindo-as como lugares em que as identidades dos indivíduos são marcadas pelas diferenças sexual, racial, étnica ou de classe. Esperanza é a personagem principal do livro, e como uma jovem atravessando uma fase de descobertas, logo vai entendendo o seu local de (não) pertencimento, ancorada em dois mundos opostos. Tal local híbrido, o *in-between*, acaba por refletir na sua descoberta da individualidade que se torna também híbrida, indo de encontro a várias fronteiras impostas pela sociedade. O duplo pertencimento por vezes se torna pertencimento nenhum ou por muitas vezes pertencimento conflitante em uma busca por significados através de ações que põem em crise as identidades. Bhabha em seu livro *O local da cultura* (2003) assim define o *in-Between*:

[a]queles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 2003, p.20)

A comunidade Chicana/Chicano se aproveita da literatura como uma maneira de forjar a sua resistência e se definir propriamente como sociedade perante uma cultura dominante imposta. Neste contexto, ela se mostra essencial na composição de um mosaico identitário para seus indivíduos e para si própria, já que, através de suas peças que recontam o seu passado e seu presente, seus anseios, riquezas e valores, os pertencentes à comunidade se identificam. A produção literária Chicana sempre esteve à margem da literatura estadunidense, por tratar de temas que confrontavam a cultura hegemônica e, portanto, era desacreditada e inferiorizada. Por muitos anos foi exotificada por que não se enquadrava na visão canônica da alta cúpula, mas a partir dos anos 70 e 80 ela conquista seu espaço, através do Movimento Chicana/Chicano.

*El Movimiento Chicana/Chicano* surgiu como propulsor do universo da comunidade para a própria comunidade e para o mundo, foi uma maneira de lutar contra a opressão sofrida durante vários anos de sua história. Com ramificações em diversos âmbitos, o movimento contou com a participação de pessoas empenhadas em fazer a diferença para si e para as

futuras gerações no país. A literatura, neste contexto, ganhou força, pois atuava dando voz à comunidade e revelando a vida, a língua, a cultura do grupo e valores. Além disso, a literatura Chicana serviu também de instrumento de luta, protesto, denúncia e exposição dos problemas e questões que as/os Chicanas/Chicanos vivenciam em sua condição *in-between*, dentro de uma sociedade que os nega.

O Movimento Chicano teve um papel fundamental no florescimento da literatura chicana. Embora já houvesse uma produção literária desenvolvida pela comunidade México-americana há mais de cem anos, foi a partir dos anos 60 que essa produção passou a estar relacionada aos acontecimentos político-sociais. É nesse momento que o termo chicano, originalmente de cunho pejorativo, é adotado pela comunidade para designar os habitantes da fronteira física e/ou cultural entre os Estados Unidos e o México (PORTILHO, 2019, p. 35-36).

Como resultado da percepção da Chicana/Chicano e do seu papel na sociedade, houve um crescente interesse por parte das instituições no movimento artístico Chicana/Chicano. Atualmente, algumas universidades em seus departamentos possuem os chamados *Chicana/Chicano Studies* que contam com acervos dedicados à promoção desta cultura. São exemplos expressivos: *Department of Chicana & Chicano Studies* da *University of New Mexico* e da *University of California - Santa Barbara, School of Transborder History* da *University of Arizona* e *Chicano Studies do College of Liberal Arts El Paso, Texas*. Através de promoções da própria comunidade, iniciativas foram abraçadas como a criação de jornais *online* “*El Chicano*”, que possui sua abrangência na Califórnia, bem como “*Chicano Magazine*”, em *Orange County*, ambos com o objetivo de estimular a integração e promover valores da cultura através da informação.

## 2.2 A(S) IDENTIDADE(S) CHICANA(S)

Nos dias atuais o fenômeno da globalização rompe as barreiras da sociedade, a transforma em algo fluido e multifacetado, atribuindo-lhe um caráter de precariedade. Trata-se de uma ressignificação de características do ponto de vista temporal e espacial que convergem de modo dinâmico, trazendo como um, dos tantos processos, uma transitoriedade

no cunho identitário dos indivíduos, de uma forma nunca antes relatada na história. As sociedades estão interagindo com valores e tradições diferentes muitas vezes opostas em um cenário em que devem aprender a coexistir. Nesse novo cenário as culturas são mistas e o sujeito é fragmentado.

Em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall discute a questão da identidade cultural na chamada modernidade tardia, assim definida pelo próprio, levantando questionamentos e tentando respondê-los através de uma narrativa que se preocupa em provocar discussões em torno de haver ou não uma “crise” de identidade, do que ela consiste, e quais as suas reverberações para os agentes envolvidos no processo. Para o autor, o sujeito está sendo empurrado e deslocado por forças que culminam em seu descentramento de cunho identitário e todos estes fenômenos que resultam neste deslocamento são resultado do mundo atual que se posiciona com um punho desestabilizador com capacidade de fragmentar a identidade do indivíduo. Mudanças estruturais nas identidades pessoais não são resultados apenas de uma fragmentação do indivíduo do seu mundo social e cultural, mas também de si mesmo. O indivíduo leva um tempo, para, posteriormente através de uma crise de identidade, se entender como destituído, fragmentado e tentar compreender onde ele se posiciona. “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” (Hall, 2006, p. 9).

Ao traçar um paralelo para a mudança do conceito de sujeito e identidade no século XX, Stuart Hall aponta que o sujeito unificado, o indivíduo da era moderna, possui as suas fragmentações advindas de um processo descentralizador, caracterizando a dificuldade em por à prova o tal processo, já que as linhas de separação que o regem são tênues e invisíveis. Suas concepções tornaram possível a caracterização do sujeito da modernidade em três categorias.

- A primeira trata-se de um sujeito dotado de razão e definido em si mesmo, nascendo com a sua própria identidade, a qual se manifesta com poucas transformações durante a sua vida, figura essencialmente masculina, o chamado sujeito do iluminismo, possui a sua identidade contida em si mesmo. Tal sujeito necessita que outras pessoas mediem seus valores, cultura e símbolos, possui uma parcela de autonomia sendo fruto do meio, um meio real influenciado mais por situações internas que externas.

- Já o sujeito sociológico, não autônomo e autossuficiente que se define através da interação com os outros, as quais o mediaram para instruí-lo de valores e concepções, possui visões contraditórias. Sua identidade não é a mesma desde o nascimento, possuindo uma identidade contrastante, necessita de interação para que forje a sua identidade em pressupostos que estão mais ligados ao extrínseco que ao intrínseco.
- O sujeito pós-moderno, resultado de mudanças que tornaram esse processo de identificação mais instável, fluido e provisório, está atrelado à transformação e descentramento profundo. Tem em seu cerne a fragmentação identitária, já que somente uma identidade singular não daria conta de atender às necessidades das pessoas nas diversas frentes que estão inseridas. Tais frentes envolvem categorias distintas de identidade como classe, gênero, nacionalidade, dentre outras.

A definição de um sujeito pós-moderno, fragmentado identitariamente e híbrido condiz mais com as personagens presentes na obra *A Casa na Rua Mango*. Esperanza Cordero é o retrato dos fenômenos vividos pelas/pelos Chicanas/Chicanos. A dualidade se faz presente por toda a narrativa, em todos os âmbitos de sua vida. Como pertencente a duas culturas, Esperanza e demais personagens precisam lidar com situações diárias de marginalização, exotificação e objetificação em meio a um ambiente que as reprime e inferioriza. Por ser uma garota ainda em processo de amadurecimento, cada vez as suas identidades se apresentam como precárias e mutáveis e o processo é de renegociação constante. A jovem Esperanza Cordero, através de sua jornada de autodescoberta, forçada a amadurecer em meio a uma gama de situações é o exemplo disso. Como evidenciada pela própria personagem (Cisneros, 2008, p.10-11) “Em inglês meu nome significa esperança. Em espanhol significa muitas letras. Significa tristeza, significa esperar”<sup>4</sup>. Completando que gostaria de ser batizada com um nome diferente, “um nome mais parecido com o meu verdadeiro eu, aquele que ninguém vê. Esperanza como Lisandra ou Maritza ou ZeZe o X. Algo como ZeZe o X daria certo”<sup>5</sup>. Como uma jovem atravessando uma fase de descobertas, Esperanza logo entende o local que a sociedade impõe às mulheres, principalmente às Chicanas, e se recusa a se colocar nesta posição inferior, mesmo que seja taxada de transgressora, e bem cedo já dá sinais de inconformidade em estar de acordo com as expectativas colocadas sobre o seu gênero

---

<sup>4</sup>In English my name means hope. In Spanish it means too many letters. It means sadness, it means waiting

<sup>5</sup>Name more like the real me, the one nobody sees. Esperanza as Lisandra or Maritza or Zeze the X. Something like ZeZe the X will do.

(Cisneros, 2008, p.35) “Minha mãe diz que quando eu ficar mais velha meu cabelo empoeirado vai assentar e minha blusa vai aprender a ficar limpa, mas eu decidi não crescer mansa como os outros que deitam o pescoço na soleira esperando a bola e a corrente”<sup>6</sup>.

O hibridismo que se apresenta em seu nome, no bairro, nas famílias, nas roupas, gastronomia, língua, etc. toma conta de sua vida e ter que lidar com as expectativas de se encaixar nas duas culturas não é tarefa fácil. Apesar da tentativa de reclusão das/dos Chicanas/Chicanos dentro de sua cultura, o contato com a cultura estadunidense não pode ser evitado, resultando, assim, num processo de aculturação. Principalmente de gerações mais jovens como a de Esperanza e Meme, personagem que apresenta dilemas compartilhados com os da principal. Como narra Esperanza, (Cisneros, 2009, p.92) “O nome dele não é realmente Meme. Seu nome é Juan. Mas quando perguntamos qual era o nome dele, ele disse Meme, e é assim que todo mundo o chama, menos sua mãe”<sup>7</sup>. Ambos são filhos de falantes nativos de espanhol que, crescendo nos Estados Unidos, possuem uma espécie de identidade dupla que se reflete em seu bilinguismo e seus dois nomes.

A comunidade Chicana está ancorada em várias culturas, das quais a mexicana e a estadunidense são as principais, porém há muitas outras que a emprestam valores e tradições. Toda cultura parte do ponto de um processo de hibridização, portanto, como afirma Said (1999, p.28), “nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo”. Há uma espécie de mestiçagem cultural a qual engloba traços de várias culturas, a qual acaba por criar uma fragmentação de cunho identitário no indivíduo. Muitas vezes, valores distintos entre culturas acabam por criar uma espécie de dualidade nos indivíduos. Anzaldúa, ainda em seu livro *Borderland/La Frontera: The New Mestiza*, ilustra bem a capacidade da/do Chicana/Chicano, como mestiças/mestiços de transitar entre culturas:

Porque eu, uma mestiça  
continuamente saio de uma cultura  
e entro em outra,  
porque estou em todas as culturas ao mesmo tempo,  
alma entre dos mundos, três, quatro,

---

<sup>6</sup>My mother says when I get older my dusty hair will settle and my blouse will learn to stay clean, but I have decided not to grow up tame like the others who lay their necks on the threshold waiting for the ball and chain.

<sup>7</sup>Meme Ortiz moved into Cathy's house after her family moved away. His name isn't really Meme. His name is Juan. But when we asked him what his name was he said Meme, and that's what everybody calls him except his mother.

me zumba a cabeça com o contraditório.<sup>8</sup> (Anzaldúa, 1987, p.77)

Culturas foram forjadas em mitos e tradições relativamente recentes e que buscam a identificação e construção identitária não só de um estado-nação, mas também ao desejo de agregar indivíduos subordinados que possam perpetuá-las.

As/os Chicanas/Chicanos vivem nos Estados Unidos, país com uma cultura nacional muito forte e que prega sentimentos de lealdade e identidade atrelados a um forte simbolismo nacional como comunidade compartilhada. Hall (2006, p.51) esclarece que: “a identidade nacional é uma comunidade imaginada”. Quem detém o discurso poderá se apropriar dele para construir sentidos e assim estabelecer uma narrativa a seu favor. Hall (2006, p. 52-56) também cita que há primeiramente a narrativa da nação, aquela que se baseia em contos, panoramas, símbolos para criar uma identificação, depois há a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição, cujos elementos parecem imutáveis, ostentativos, de modo a surgirem quando postos à prova. A invenção da tradição como conjunto de práticas simbólicas e inventadas são impostas de maneira a inculcar nos indivíduos visando uma continuidade, o mítico fundacional, um estado forjado em uma história, mitos. Não importa o quanto seus membros sejam diferentes, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural.

O termo Chicana/Chicano, acredita-se, procede de uma derivação do termo mexicano, que posteriormente se tornou Xicano. Como a pronúncia do “x” /x/ foi alterada às vezes para “ch” /tʃ/, resultou em Chicana/Chicano. Alguns membros da comunidade intitulam-se Xicano, como um meio de recuperar e reverter para o uso do som "x" na língua Nahuatl que se lê /ʃ/. Segundo Vahia (2013, n.p), o uso original da palavra Chicana/Chicano referia-se ao trabalhador mexicano recém-chegado ao país e sem documentação, um *bracer*, remetendo ao *Programa Bracero*, dos anos 40, uma série de acordos entre o governo mexicano e estadunidense para levar trabalhadores mexicanos de forma temporária aos EUA para trabalhar nas fazendas com as colheiras e nas áreas das ferrovias e mineração. Os termos eram usados de maneira pejorativa, pondo-lhes em uma categoria inferior, pois eram trabalhadores imigrantes. Em meados dos anos 60, a população jovem decidiu assumi-lo e popularizá-lo de forma consciente atribuindo-lhe um caráter político orientado para a militância e para os

---

<sup>8</sup>Because I, a mestiza continually walk out of one culture and into another, because I am in all cultures at the same time, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio

aspectos nativos, ressaltando o orgulho e a nova consciência contemporânea e revolucionária da comunidade.

Corroborando com o pensamento de ressignificação da época, em 1970, o jornalista também de origem Chicana, Rubén Salazar, em sua coluna no *The Los Angeles Times*, intitulada “Quem é um Chicano? E o que os Chicanos querem?”<sup>9</sup> provoca uma reflexão sobre o termo quando afirma: “Um chicano é um mexicano-americano com uma imagem não anglo de si mesmo, os Chicanos também se ressentem dos pronunciamentos anglos de que os chicanos são “privados culturalmente” ou o fato de falarem espanhol ser um “problema”<sup>10</sup>. Para aqueles que escolhem uma versão mais simplista do termo ele adiciona:

Para quem gosta de respostas simplistas, Chicano pode ser definido como abreviação de Mexicano. Para aqueles que preferem respostas complicadas, foi sugerido que Chicano pode ter vindo de Chihuahua – o nome de um estado mexicano na fronteira com os Estados Unidos. Ficando mais complicada, essa versão afirma que os mexicanos que migraram para o Texas se chamam chicanos porque, tendo cruzado para os Estados Unidos de Chihuahua, adotaram as três primeiras letras deste estado, Chi, e depois adicionaram cano, para a última parte do Texano.<sup>11</sup> (SALAZAR, 1970, n.p)

Ainda de acordo com Salazar, existe uma porção de maneiras de como se denominar além de Chicana/Chicano entre membros da mesma comunidade.

Tais explicações, no entanto, tendem a não compreender por que os ativistas mexicano-americanos se autodenominam chicanos. Os mexicano-americanos, a segunda maior minoria do país e a maior nos estados do sudoeste (Califórnia, Texas, Arizona, Novo México e Colorado), sempre tiveram dificuldade em decidir como se chamar. Em outras partes do sudoeste eles se chamam americanos de ascendência

---

<sup>9</sup> Who Is a Chicano? And What Is It the Chicanos Want?

<sup>10</sup>A Chicano is a Mexican-American with a non-Anglo image of himself, Chicanos resent also Anglo pronouncements that Chicanos are “culturally deprived” or the fact that they speak Spanish is a “problem.”

<sup>11</sup>Such explanations, however, tend to miss the whole point as to why Mexican-American activists call themselves Chicanos. Mexican-Americans, the second largest minority in the country and the largest in the Southwestern states (California, Texas, Arizona, New Mexico and Colorado), have always had difficulty making up their minds what to call themselves. In New Mexico they call themselves Spanish-Americans. In other parts of the Southwest they call themselves Americans of Mexican descent, people with Spanish surnames or Hispanos.

mexicana, pessoas com sobrenomes espanhóis ou hispanos.<sup>12</sup> (SALAZAR, 1970, n.p)

Alguns termos necessitam ser elucidados para que haja melhor compreensão nos capítulos seguintes. Mestiço literalmente significa mistura de etnias, as/os Chicanas/Chicanos são misturas assim como a maioria dos mexicanos. As/Os Chicanas/Chicanos são estadunidenses de origem mexicana nascidos no território dos Estados Unidos. Diferente da recém imigração de residentes do México para os Estados Unidos, Chicanas/Chicanos têm uma história particular que é ter vivida no sudoeste estadunidense, bem antes do Tratado de Hidalgo<sup>13</sup> diferente de outros grupos que estão nos Estados Unidos de maneira voluntária, a existência das/dos Chicanas/Chicanos é imposta. Para ser Chicana/Chicano há de se pertencer a primeira ou posteriores gerações nascidas nos Estados Unidos.

Mexicana é a pessoa nascida no México. Muitas vezes, mexicanos que viveram e contribuíram com o país (EUA) geralmente também se identificam com a terminologia Chicana/Chicano, nesse caso eles tendem a escolher com qual se identificam mais, México ou Estados Unidos. Latina/Latino, relativo ou pertencente à América Latina ou a um dos países americanos em que se fala idioma oriundo do latim. Natural, habitante ou cidadão de um país da América Latina.

### 2.3 O MOVIMENTO CHICANA/CHICANO

O Movimento Chicana/Chicano nasceu numa época em que havia a consciência da importância da comunicação como formadora da ideologia e transmissora privilegiada de certos eventos. Este movimento político e artístico reconheceu o imperativo de criar publicações específicas, de maneira a poder escrever a sua própria história e disseminar a sua

---

<sup>12</sup>Such explanations, however, tend to miss the whole point as to why Mexican-American activists call themselves Chicanos. Mexican-Americans, the second largest minority in the country and the largest in the Southwestern states (California, Texas, Arizona, New Mexico and Colorado), have always had difficulty making up their minds what to call themselves. In New Mexico they call themselves Spanish-Americans. In other parts of the Southwest they call themselves Americans of Mexican descent, people with Spanish surnames or Hispanos.

<sup>13</sup> Segundo Alaniz & Cornish, (2008, p.86) O Tratado de Hidalgo, assinado em 1848, cedeu o Território do Norte do México aos EUA por 15 milhões de dólares. Tal território compreende os atuais estados de Utah, Nevada, Arizona, Novo México, Califórnia e parte do Colorado. O México também foi forçado a reconhecer o Texas como propriedade estadunidense.

cultura, em contraste com a imprensa e as publicações dos grupos dominantes como caracterizado por Vahia em seu texto sobre o movimento Chicana/Chicano (2013) que:

Coincidiu temporalmente com outros movimentos de reforma e libertação dentro e fora dos Estados Unidos da América. A explosão de uma actividade extraordinária em frentes políticas por parte de minorias dissidentes como a luta por direitos civis dos negros (“Black Civil Rights Movement”), o movimento dos trabalhadores agrícolas, os estudantes e os movimentos de juventude que envolviam uma radicalização de políticas, os nativos e o “The American Indian Movement”, o movimento anti-guerra do Vietnam, a revolução cubana de 1959, os homossexuais, as mulheres, etc. Todos estes grupos forçaram o poder instituído a fazer um certo número de concessões, o que permitiu o seu reconhecimento por parte de algumas publicações que anteriormente ignoravam este tipo de movimentos.

Em 1969, o conceito por trás de *La Raza Unida*, um partido político criado para defender os interesses do povo Chicana/Chicano e eleger mais pessoas que se preocupassem diretamente com os anseios da comunidade, se espalhou por todo o Sudoeste. Outras organizações políticas Chicanas independentes surgiram também durante esse período. Na Califórnia, a La Raza Unida Party assumiu uma linha mais militante, organizando-se sob as questões da classe trabalhadora e enfatizando o desenvolvimento de uma linha ideológica Chicana/Chicano-mexicano. No Colorado, La Raza Unida foi um produto do trabalho realizado por *La Cruzada por La Justicia*, sob a liderança de Corky Gonzales. Tratava do nacionalismo Chicana/Chicano e da juventude. No Texas, La Raza Unida organizou-se em torno da eleição de Chicanas/Chicanos para os Conselhos de Educação e Câmaras Municipais. O espírito e a força de *La Raza Unida* foram realmente incorporados no Texas sob a liderança de José Angel Gutierrez, estudante e presidente da Mexican American Youth Organization (MAYO). Ao escrever para o *The Atlantic*, o jornalista Andrew Sullivan já alertava para a incorreta tradução do termo “*La Raza*”:

Muitas pessoas traduzem incorretamente nosso nome, “La Raza”, como “a raça”. Embora seja verdade que um significado de “raza” em espanhol é de fato “raça”, em espanhol, como em inglês e em qualquer outro idioma, as palavras podem e têm vários significados. Conforme observado em vários dicionários online, “La Raza” significa “as pessoas” ou “a comunidade”. Traduzir nosso nome

como “a raça” não é apenas impreciso, é factualmente incorreto. “Hispânico” é uma etnia, não uma raça.<sup>14</sup>

O termo “*La Raza*” foi criado pelo estudioso José Vasconcelos para exprimir o fato de que os povos da América Latina são uma mistura de muitas raças, culturas e religiões do mundo. Ele acreditava que um dia uma nova raça de pessoas nasceria das Américas advinda desta mistura. Como os latino-americanos são mestiços – uma mistura de ascendência europeia, nativa, africana e asiática, ele acreditava que eles realmente transcendem todas as outras raças. “*La Raza*” se traduz para o inglês mais de perto como “o povo” ou, segundo alguns estudiosos, como “o povo hispânico do Novo Mundo”. Longe de ser uma forma de superioridade, na verdade o termo se transforma em uma ação de resistência contra a opressão vivida. Andrew Sullivan, posteriormente, aponta sobre os percalços de se traduzir de forma equivocada a palavra.

A tradução errada de “*La Raza*” para significar “a raça” implica que é um termo destinado a excluir os outros.[..] “*La Raza Cósmica*”, que significa o “povo cósmico”, foi desenvolvido para refletir não a pureza, mas a mistura inerente à o povo hispânico. Este é um conceito inclusivo, o que significa que os hispânicos compartilham com todos os outros povos do mundo uma herança e um destino comum.<sup>15</sup> (Sullivan, 2009)

Como resultado de um processo de lutas pela igualdade, direitos civis e melhores condições de vida para essa comunidade, emergiu um movimento que tinha por finalidade dar vazão às expressões de cunho artístico ligadas ao social, cultural e histórico. O movimento se caracterizou por uma política não comercial orientada para os valores da comunidade, visível através da criação de um sistema de coletividades e nas expectativas dos grupos artísticos em promover a arte, facilitando a sua acessibilidade a todos. Temas políticos e étnicos, um interesse pela história e pela cultura do povo mexicano e por uma luta pela autodeterminação caracterizaram esta fase.

---

<sup>14</sup>Many people incorrectly translate our name, “*La Raza*,” as “the race.” While it is true that one meaning of “*raza*” in Spanish is indeed “race,” in Spanish, as in English and any other language, words can and do have multiple meanings. As noted in several online dictionaries, “*La Raza*” means “the people” or “the community.” Translating our name as “the race” is not only inaccurate, it is factually incorrect. “Hispanic” is an ethnicity, not a race.

<sup>15</sup>Mistranslating “*La Raza*” to mean “the race” implies that it is a term meant to exclude others.[..] “*La Raza Cósmica*,” meaning the “cosmic people,” was developed to reflect not purity but the mixture inherent in the Hispanic people. This is an inclusive concept, meaning that Hispanics share with all other peoples of the world a common heritage and destiny.

## 2.4 LÍNGUA, BILINGUISMO E *CODE-SWITCHING*

A língua é um dos elementos distintivos da cultura Chicana. Através da linguagem, não só a cultura é transmitida, mas também os valores, a transmissão oral desempenha um papel fundamental em uma sociedade em que a alfabetização de seu povo é precária. É um instrumento para recuperar as terras que foram usurpadas, reafirmação de uma identidade através da resistência. No caso das/dos Chicanas/Chicanos, hoje podemos nomeá-la como variedade do inglês, chamada de inglês Chicana/Chicano, como define Kachru & Nelson (2009, p.65) em seu *Handbook of World Englishes*:

As mudanças demográficas e os efeitos da migração dão destaque especial às variedades hispânicas do inglês. Algum trabalho foi feito com porto-riquenhos na cidade de Nova York e muito pouco com imigrantes cubanos em Miami, enquanto o “inglês chicano” de descendentes de imigrantes mexicanos é bastante pesquisado (por exemplo, Fought, 2003; Santa Ana e Bailey, 2004). Os traços característicos incluem alguns aspectos da pronúncia (por exemplo, vogais fortemente monotongais) e vários fenômenos prosódicos (por exemplo, um sistema diferente de redução de vogais e contornos de entonação distintos).<sup>16</sup>

Para propiciar um melhor entendimento sobre as definições de Kachru & Nelson, alguns diferenciais da variedade do inglês, chamada de inglês Chicana/Chicano, são as vogais monotongais, um exemplo seria na palavra *fog*, que na variedade estadunidense de forma geral seria lida da seguinte maneira: /fɔg/ ou /fag/, sua pronúncia seria uma intersecção entre “o” e “a”, a variedade Chicana faria a substituição por /ɔ:/, dando um aspecto mais arredondado à palavra como realmente ao dizer um “o”. Outro aspecto seria quanto a pronúncia de fonemas interdental /θ/ e /ð/ como em palavras como *thigh*, *thy*, eles seriam facilmente substituídos por fonemas tais como /f/, /s/ ou /t/. A não distinção entre /s/ e /z/, preferindo /s/ como na palavra /mju:zik/. Como influência do espanhol, os fonemas /t/ e /d/, especialmente em começo de palavras são pronunciados com forte influência interdental ao

---

<sup>16</sup>Demographic changes and migration effects give special prominence to Hispanic varieties of English. Some work has been done on Puerto Ricans in New York City and very little on Cuban immigrants in Miami, while the “Chicano English” of descendants of Mexican immigrants is fairly well researched (e.g., Fought, 2003; Santa Ana and Bayley, 2004). Characteristic features include some aspects of pronunciation (e.g., strongly monophthongal vowels) and several prosodic phenomena (e.g., a different system of vowel reduction and distinctive intonation contours).

invés de alveolar e estão mais próximas de *día, tia*. Em relação à prosódia e entonação em algumas sentenças como por exemplo em: “*Why are you going to school tomorrow?*” a qual teria uma entonação decrescente, mas no inglês Chicana/Chicano seria crescente, devido à influência da língua espanhola. Deve-se lembrar que a variedade Chicana não é homogênea, as características acima descritas poderão ser ou não encontradas em falantes, mas há diversos fatores que influenciam na variedade adotada, tais como gênero, classe social, grau de instrução, dentre outros.

Neste mesmo capítulo do *Handbook of World Englishes* Kachru & Nelson (p.65) ainda traziam um panorama sobre outras variedades do inglês tais como, *African American English (AAE)* e *Cajun English* classificando-as em seu título como variedades étnicas resultados de contato, atribuindo-lhes a minorias que acabam por modificar o inglês no processo.

A imigração continuou a moldar a paisagem linguística dos EUA, e muitas variedades étnicas são produtos do contato linguístico, frequentemente envolvendo mudança de idioma por parte de um grupo minoritário de uma antiga língua étnica para a dominante, o inglês – modificando o último neste processo.<sup>17</sup>

Atribuir um caráter étnico a uma língua seria inferiorizá-la, seria por consequência rebaixar um povo ou comunidade que a utiliza de maneira sistemática ao esvaziamento. Seria descreditar suas identidades e a suas maneiras de visão de mundo, simplesmente por terem uma língua distinta. Relegá-las a uma posição ligada à etnia é uma maneira de perpetuar um pensamento hegemônico que desprivilegia uma língua perante as outras por diversas razões. Conferir-lhes o caráter étnico é o mesmo que construir fronteiras de exclusão, atribuir-lhes tal lugar de desfavorecimento, é incorrer na intolerância, descreditar uma história e valores desenvolvidos ao longo dos anos. Em período globalizado, a língua não possui etnia, gênero ou credo. Tais ideias levam a um ciclo que a marginaliza e exclui os seus falantes do convívio social, tolhendo-lhes as oportunidades de ascensão.

A primeira língua das/dos Chicanas/Chicanos não é o espanhol, língua nacional mexicana, pois a sua cultura se desenvolveu independentemente do México. No passado ela foi, já que os mexicanos habitavam territórios hoje pertencentes aos Estados Unidos, mas a

---

<sup>17</sup>Immigration has continued to shape the linguistic landscape of the US, and many ethnic varieties are products of language contact, frequently involving language shift on the side of a minority group from an erstwhile ethnic language to the dominant one, English – modifying the latter in this process.

experiência de dividir o território com outras minorias introduziu outras culturas não-mexicanas às/aos Chicanas/Chicanos. As/Os Chicanas/Chicanos não são atados ao sudoeste estadunidense, eles estão em todos os lugares dos Estados Unidos, e hoje estão espalhados pela nação. A própria autora da obra, Sandra Cisneros, nasceu no meio-oeste estadunidense e os personagens descritos estão localizados em um *barrio* em Chicago. Apesar de uma grande solidariedade ao México, Chicanas/Chicanos nunca desenvolveram uma ideia de reintegração ao território mexicano. Depois de um grande influxo em suas terras, procuraram se estabelecer em colônias rurais que formavam o proletariado para os rancheiros estadunidenses. Depois de 1940, estas populações acompanharam o êxodo geral para as cidades em busca de trabalho e qualidade de vida, se instalando na periferia das cidades e constituindo os *barrios*. Como caracterizado por Lessa de Jesus Santos (2020, p.5) “A esses indivíduos coube a condição de povo colonizado e de sujeitos marginalizados confinados aos *barrios*, estabelecendo uma fronteira invisível e dolorosa entre ambos.” O único destino era a aculturação, pois os mexicanos que viviam nos Estados Unidos da América perderam muitos aspectos característicos da sua identidade cultural ligados ao México. Este fato resultou não só das pressões extremas sobre a língua e a cultura, perpetradas pela sociedade dominante, como também da anteriormente mencionada assimilação que acompanhou o seu êxodo rural às cidades. Como comentam Goldman e Ybarra-Frausto no extenso trabalho acadêmico sobre arte Chicana (1985, n.p):

Não é uma questão de assimilação, pura e simples, que oferece a grande ameaça, mas de assimilação com o quê e com quem e para que fim. (...) Embora mantendo os elementos mais positivos da cultura nacional mexicana, eles emprestaram e adaptaram livremente a entrada cultural de muitas fontes. Esse amálgama, elaborado na década de 1970, está em saudável processo de evolução. Produziu novas formas vigorosas e válidas de cultura.<sup>18</sup>

A sociolinguística é preocupada com a linguagem *in loco* e em seus usos reais, viva em contexto geográfico, social e/ou espaço. Tais assimilações mencionadas acima não só foram importantes na cultura, mas também na linguagem dos indivíduos. Este ramo da

---

<sup>18</sup>It is not a question of assimilation, pure and simple, that offers the great threat, but of assimilation with what and with whom and toward what end. (...) While maintaining the most positive elements of Mexican national culture, they freely borrowed and adapted cultural input from many sources. This amalgam, as elaborated in the 1970s, has been in a healthy process of evolution. It has produced new vigorous and valid forms of culture.

linguística que dentre muitas vertentes se ocupa de fenômenos de contato linguístico, como *code-switching* (assunto que será aprofundado mais a frente), é importante para explicar o contexto bilíngue em que os Chicanas/Chicanos estão inseridos.

A ideia de comunidade de fala defendida por Bloomfield (1926, p. 42) como “um grupo de pessoas que interage por meio da fala” é ampliada por Spolsky (1998, p.24) que afirma que tais pessoas compartilham noções do que é igual ou diferente em fonologia e gramática. A comunidade de fala se refere a qualquer grupo de pessoas, onde quer que elas estejam, não importando o quão remotas estejam, sejam capazes de se comunicarem uns com os outros e que compartilham também os mesmos julgamentos com relação ao falar. A variedade pode ser compreendida como as diferentes formas de manifestação da fala dentro de uma língua e há diferentes características que podem influenciá-las como sociais, culturais, regionais e históricos de seus falantes. De acordo com o sociolinguista Bagno (2007), as variedades linguísticas classificam-se como:

Dialeto: modo particular de uso da língua numa determinada localidade. Diferente do que pensam muitos linguistas, o termo dialeto não serve para designar variedade linguística. Socioleto: é a variedade linguística de um determinado grupo de falantes que partilham os mesmos traços e experiências socioculturais. Idioleto: é o modo particular de cada indivíduo expressar-se através da fala. Cronoleto: variedade pertencente a uma determinada faixa etária, ou seja, modo próprio desta geração manifestar-se. Localizações geográficas não são suficientes para a variação das línguas. (BAGNO, 2007, p.47-48)

De um ponto de vista linguístico os dialetos regionais tendem a apresentar pequenas diferenças dos vizinhos próximos na verdade, a decisão do que é um dialeto ou língua pertence mais ao social e político do que puramente por razões linguísticas. Por muitas vezes, as razões de um dialeto se tornar língua são meramente por interesses de alguma forma, a esta afirmação Spolsky (1998, p.30) corrobora dizendo que “uma língua, já se observou, é um dialeto com uma bandeira, ou melhor ainda com um exército”<sup>19</sup>.

Então, com base na afirmação acima e em toda a história qual o povo Chicana/Chicano foi submetido ao longo dos anos, é fácil ver as razões pelas quais uma variedade específica

---

<sup>19</sup>A language, it has been remarked, is a dialect with a flag, or even better with an army.

ou, da mesma forma, um dialeto não ascendem ao status de língua. Há vários interesses de caráter diverso que impedem esta elevação, o que acaba empurrando tais línguas para as margens sociais. No que toca à realidade Chicana, para os *barrios* e *ghetos*. Não há nada específico que impeça o reconhecimento de um dialeto como língua, a não ser os entraves perpetrados por uma hegemonia, normalmente um grupo maior, que se recusa a validar outras formas de linguagem. A variedade Chicana não apenas se restringe às zonas de fronteira México-estadunidenses, ela se expandiu e está presente nos EUA. Spolsky (1998, p.29) afirma que a distância da fronteira contribuiu de certa forma para manter o espanhol vivo por pessoas que cruzaram para os Estados Unidos. Lembrando que os padrões de variação que são produzidos por geografia ou espaço isoladamente são regularmente transformados em mecanismos de assertividade e reconhecimento de diferenças sociais.

Um estudo recente da fronteira mexicano-americana, por exemplo, indica que a distância da fronteira é de fato uma das explicações da manutenção do espanhol entre pessoas que cruzaram para os Estados Unidos, mas que precisa ser comparada a outros fatores sociológicos, como Educação e Mobilidade. O espaço geográfico em outras palavras não é suficiente para dar conta da variação linguística<sup>20</sup>.

A importância da linguagem no estabelecimento da identidade social é enorme, e até este estabelecimento pode se tornar excludente, fator evidenciado pela personagem Esperanza quando conhece Lucy e sua irmã mais nova Rachel, duas garotas que mais tarde se tornam suas melhores amigas. Esperanza corrige automaticamente a gramática de Lucy depois que Lucy se apresenta (Cisneros, 2009, p. 15) “Nós viemos do Texas, Lucy diz e sorri. Dela nasceu aqui, mas eu sou Texas. Você quer dizer ela, eu digo. Não, eu sou do Texas e não entende”<sup>21</sup>. O incidente mostra que Esperanza já pensa como escritora, vendo a linguagem como algo que pode ser trabalhado. A troca também traz o senso de superioridade dela em relação às outras garotas. Saber o inglês correto dá a ela um certo poder sobre as outras garotas, marcando a sua preferência pela forma padrão.

---

<sup>20</sup>A recent study of the Mexican-American border for instance indicates that distance from the border is indeed one of the explanations of spanish-language Maintenance among people who have crossed into the United States but that it needs to be set against other sociological factors such as education and Mobility geographical space in other words is not enough to account for language variation.

<sup>21</sup>We come from Texas, Lucy says and grins. Her was born here, but me I’m Texas. You mean she, I say. No, I’m from Texas, and doesn’t get it.

A partir da cena transcrita acima, pode-se discutir o local atribuído à variedade Chicana que por muitas vezes é legada ao espaço de não-padrão. De acordo com Migdadi et al. (2020, n.p) em seu trabalho que apresenta uma visão global para a compreensão das variedades padrão e não padrão de inglês, a definição de língua padrão é a que é usada em impressões, revistas e jornais, ensinadas em escolas e em transmissões oficiais e usadas por pessoas cultas. Já a forma não-padrão é legada aos dialetos e qualquer outra forma que não seja padrão. A variedade Chicana está neste segundo grupo apresentando gírias, construções específicas e jargões para se estabelecer um clima menos formal e de maior afinidade. A gíria é um tipo de jargão marcado por sua rejeição de regras formais, pelas quais se pode demonstrar solidariedade ou pertencimento a um grupo comum, sendo uma importante força social que tem um grande impacto na linguagem das relações de solidariedade às reivindicações de que pertencemos ao mesmo grupo subjacente. Abreviações, em língua falada, são muito comuns pois estão ligadas a uma economia silábica, processo normal de evolução linguística e presentes em todas as línguas do mundo. Na obra está presente em *don't, that's, haven't, isn't* amplamente espalhados ao longo das páginas. Mas talvez o fenômeno mais característico para categorizar esta variedade como não-padrão seja o uso de *code-switching*. Não há nada do ponto de vista sociolinguístico que indique que uma variedade seja considerada inferior a outra por algum motivo. O que pode ocasionar um preconceito linguístico é na maioria das vezes a estereotipagem através de generalizações simplistas. A associação da variedade a alguns falantes que são desprivilegiados, classes inferiores e/ou marginalizadas é feita como uma forma de exclusão.

Como monolíngues, é esperado que o indivíduo controle diversos estilos e níveis da língua. Ao longo do tempo o monolíngue pode começar a desenvolver o conhecimento e habilidade em segunda língua<sup>22</sup> para se tornar bilíngue. Segundo Spolsky (1998, p.29) a simples definição de bilíngue é a pessoa que tem alguma habilidade funcional em L2. Isso pode variar de uma habilidade limitada a um forte comando em ambas. A expectativa que muitas pessoas têm de bilíngue é que ele deve atingir proficiência e conseguir se dar bem com todas as habilidades em alto grau de competência.

Nesello (2021) define alguns tipos de bilinguismo para efeitos mais didáticos. São eles: o subtrativo, o aditivo e o dinâmico, a conhecê-los um pouco mais:

---

<sup>22</sup> Para promover uma unificação de termos, a partir deste ponto, a segunda língua será apresentada como L2 e a primeira língua L1.

[N]o bilinguismo subtrativo, o falante deve abrir mão da sua língua a favor de uma língua adicional considerada mais prestigiada pela sociedade onde ele está inserido.[...] No bilinguismo aditivo, o falante não abre mão de sua língua, mas as duas línguas não podem e não devem interagir entre si.[...] Já o terceiro, o bilinguismo dinâmico, é o que de fato explica o que é um falante bilíngue e por quais processos cognitivos ele passa. (Nesello, 2021, n.p)

Também é o que se encaixa no mundo globalizado que temos hoje, um mundo que busca alcançar, amplamente ciente da complexidade da não-linearidade dos processos bilíngues em um contexto multilíngue. García (2009) afirma que o bilinguismo dinâmico se refere aos variados graus de habilidade e usos de múltiplas práticas linguísticas necessárias para se cruzar fronteiras físicas e virtuais. Assim, deve-se compreender que um bilíngue não apenas soma uma língua a outra, não é um acúmulo de línguas, mas alguém que faz um uso multifacetado dos recursos de que dispõe para sua comunicação e interação com o mundo.

É importante saber a maneira por meio da qual cada língua foi adquirida, a idade do envolvido, o tempo usando a língua. Bilíngues geralmente preferem uma língua para algumas funções como contar, fazer aritmética, falar palavrões, sonhar. O bilíngue tece para si conexões que vão além dos padrões, é natural que em um curso de uma conversa haja alternância entre elas e, com o contato entre as línguas, surjam alguns fenômenos, dentre eles o *code-switching*. Tal fenômeno de contato linguístico é amplamente estudado, mas os pesquisadores nem sempre concordam com a presença de linhas precisas de demarcação entre ele e outros fenômenos de contato, como transferência, empréstimo lexical, etc. Para fins didáticos este trabalho considerará este fenômeno como um termo guarda-chuva que abrange todos os outros mencionados no parágrafo anterior devido à divergência e às dificuldades de delimitação entre todos eles.

O *code-switching* é o uso que os falantes bilíngues ou multilíngues fazem de dois ou mais idiomas em um evento linguístico. É mais fácil que tal definição se apresente na forma de evento de fala, pois na escrita, há um maior emprego envolvido em deliberação, o que acarretaria o menor uso destes fenômenos. Segundo Spolsky (1998, p.49) essas alternâncias podem acontecer entre, ou até dentro das sentenças, pode envolver orações ou até partes de palavras. A alternância de palavras é o começo para que o empréstimo linguístico ocorra de

forma espontânea, pois quando uma nova palavra se integra à L1, o empréstimo está consolidado.

Com o desenvolvimento de pesquisas, durante o passar dos anos foram surgindo várias abordagens que tentavam explicar o porquê desses fenômenos. Vogt (1954) afirma que as mudanças são características do psicológico do indivíduo e se caracterizavam mais no domínio extralinguístico, como um recurso. Posteriormente, Gumperz (1982) caracterizou esta alternância como sendo parte de um alinhamento interacional, neste os indivíduos mudam as suas formas de se relacionar, o seu discurso, e vão se adaptando ao seu interlocutor, ou vice e versa. Esta adaptação é caracterizada por Spolsky (1988, p.35) como princípio da solidariedade que exemplifica de forma bem prática que quando nós estamos falando com alguém, a maioria de nós inconscientemente move o discurso para mais perto ao deles o que explica o porque nossos acentos mudam quando nós vivemos em um lugar por muito tempo. Similarmente, por escolher a forma de linguagem associada a um grupo específico, nós estamos fazendo o nosso direito ser contado como membro desse grupo. Barkin et al. (1982) considerou como resultado de necessidade a inserção de itens lexicais isolados para preencher lacunas que surgem na L1, porque são desconhecidas, ou não existem, portanto são retirados da L2. Em caso de o falante dominar de maneira praticamente igual as duas línguas, a referida relação pode ocorrer em ambas as direções.

O *code-switching* é evidente em falantes que estão inseridos em contextos de comunidades bilíngues ou multilíngues. Trata-se de dois sistemas gramaticais em contato que coexistem no mesmo turno de fala, ou turnos próximos. Atualmente, se tornou amplamente estudado por pesquisadores de línguas, especialmente os que estudam línguas em contato, abrindo ampla discussão sobre seus desdobramentos e suas ramificações para vários âmbitos da sociolinguística.

As análises sintáticas do *code-switching* mostraram em vários ocasiões que aqueles que recorrem à comutação [*code-switchers*] ao mudar de um idioma para outro, prestam atenção à sintaxe e morfologia dos idiomas trocados; essas análises, portanto, acabaram rejeitando a ideia simplista de que a troca de código é uma mistura perigosa e não gramatical, caracterizando-o como uma mistura.

Embora o *code-switching* seja inevitavelmente polissêmico e multifuncional, os pesquisadores identificaram inúmeras funções em comum. De tempos em tempos, traçam as

suas ocorrências e propõem suas classificações para melhor entendimento de suas ocorrências, a categorização de Dabene & Moore (1995) é uma delas, que baseia tal fenômeno de acordo com a posição na sentença, buscando categorizá-los em intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados.

A ocorrência de um *code-switching* intra-sentencial é notada quando um falante realiza a inserção de vocábulo dentro de uma sentença com base nos dois sistemas de que dispõe, não importando a sua posição. Os falantes podem se apresentar de forma singular, quando a inserção é de apenas um elemento, ou até de vários elementos (exemplo 1). Eles podem também alterar um segmento, quando os de uma língua se alternam com a outra (exemplo 2). Como nas sentenças a seguir criadas para exemplificação: 1. *Your perrito is old, my dear.* 2. *¡Necesito typear este trabajo!* No segundo exemplo há a inserção da palavra da língua inglesa *type*, que foi tratada como um verbo do espanhol, assumindo assim a sua desinência de infinitivo típica de verbos terminados em *-ar*. Deve-se ressaltar que tal palavra possui uma equivalente em espanhol *teclear*. Em ambos os casos, é respeitada a fonética das línguas, mas poderá haver alterações de alguns fonemas..

Um *code-switching* pode ser considerado intersentencial se as línguas disponíveis se alternarem entre uma sentença e outra, ou seja, ele é perceptível somente em turnos próximos, não ocorrendo no mesmo turno conversacional. Não se trata mais da inserção somente de elementos e, sim, de sentenças completas em língua alvo. Para melhor entendimento, só será considerado intersentencial se em uma conversação o falante A, na hora de falar, usar o *code-switching* no seu turno de fala após B ter dito algo. Como nas sentenças a seguir criadas para exemplificação: A: diz algo em espanhol, B: responde em inglês, A: diz algo em inglês. O falante A, no seu segundo turno de fala, optou pela troca das línguas, o que no desenvolvimento do diálogo pode provocar uma troca de língua também no falante B, mas a análise de forma aprofundada no diálogo é mais condizente com a próxima categoria.

O *code-switching* entre enunciados implica alternar para a outra língua após um longo período da primeira interação. Ela acontece no curso do mesmo diálogo, mas encontra-se bem distante da língua da interação primária. Não se trata mais da inserção somente de elementos e, sim, de sentenças completas em língua alvo. Como nas sentenças a seguir criadas para exemplificação: A: diz algo em espanhol, B: responde em espanhol, A: diz algo em espanhol, B: responde em espanhol, A: diz algo em inglês, B: responde em inglês. Se analisadas por um

breve período, as sentenças que são classificadas como entre enunciados podem ser consideradas interações em turno de fala. Faz-se necessário observar o diálogo em perspectiva macro e micro para então fazer uma categorização mais detalhada.

Para promover melhor reflexão sobre o fenômeno de *code-switching* na obra *A Casa na Rua Mango*, precisamos partir do ponto de que as ocorrências de tal fenômeno são variadas e complexas, mas o que fica evidente é que a maioria dos estudos referem-se à língua oral, uma vez que a língua escrita dá lugar à deliberação e com isso à escolha consciente de diferentes termos para provocar uma reação no leitor ou para transmitir uma mensagem particular. As escolhas feitas na hora da escrita são feitas de maneira mais calculada.

Atemo-nos à categorização de Dabene & Moore (1995), por conter elementos da oração, sentença e turno conversacional que possibilitam a análise de dados de forma concreta. É perceptível o seu grau de complexidade na maneira de agrupá-los, dada a singularidade e variedade do fenômeno. O objetivo é estabelecer um elo entre características linguísticas, semânticas e escolhas narrativas fornecidas através da obra, buscando interpretá-las à luz da comunidade Chicana.

### **3. ANÁLISE DE *CODE-SWITCHING* DENTRO DA OBRA *A CASA NA RUA MANGO***

Para melhor organizar a análise do trabalho em curso, resolvemos dividir esta em duas partes a primeira versará sobre a autora Sandra Cisneros, localizando-a dentro do cenário da literatura Chicana e mostrando como a sua obra *A Casa na Rua Mango* foi crucial para um reconhecimento identitário de uma comunidade. A segunda parte trará dados da obra, relacionando-os com o fenômeno de *code-switching* e propondo um caminho interpretativo para a análise deste fenômeno.

#### **3.1 SANDRA CISNEROS E *A CASA NA RUA MANGO***

Impulsionada pelo *El movimiento*, Sandra Cisneros despontou como uma autora Chicana pioneira nos anos 80, ao lado de outras vozes femininas como Gloria Anzaldúa e Cherríe Moraga. Nascida em Chicago em 1954, única filha de uma família de sete filhos e pais imigrantes mexicanos, estudou na *Loyola University of Chicago* (1976) e na *University of*

*Iowa* (1978). É uma escritora-ativista que lutou no movimento Chicana/Chicano pelos direitos civis. Trabalhou como professora e conselheira de alunos que abandonaram o ensino médio, ensinou escrita criativa em todos os níveis, atuou como escritora visitante em várias universidades, incluindo a Universidade da Califórnia, Berkeley, e a Universidade de Michigan, Ann Arbor.

A escrita de Cisneros foi influente na formação da literatura Chicana e feminista que conhecemos atualmente. Na obra *A Casa na Rua Mango*, ela se afastou do estilo poético que era comum na literatura Chicana da época e começou a definir um espaço literário Chicana/Chicano distinto e particular, desafiando formas literárias familiares e abordando temas como a desigualdade de gênero e a marginalização das minorias culturais. As suas obras podem parecer simples à primeira leitura, mas isso é enganoso. São obras cheias de camadas: primeiramente, ela convida o leitor a apropriar-se da leitura, depois faz com que ele vá além do texto, reconhecendo processos sociais mais amplos dentro da vida cotidiana retratada. Cisneros possui um texto que permite ao leitor mergulhar na psique dos personagens e analisar suas influências culturais e identitárias. Cisneros aborda questões teóricas e sociais complexas por meio de personagens e situações aparentemente simples através de sua escrita envolvente, inovadora e energética.

É apostando em uma linguagem coloquial carregada de verossimilhança que Cisneros dá espaço a uma narradora adolescente. Possuindo uma linguagem simples, ao invés de refinada, mesmo que seja aspirante a escritora, Esperanza dá seus passos para descobrir o mundo. Para quem lê, a leitura se torna simples, de fácil absorção e compreensão. *A Casa na Rua Mango*, publicado em 1984, foi a primeira obra de destaque da autora. Tal obra de Cisneros se torna para a literatura Chicana em geral um espelho para a própria comunidade, podendo ser explorada e analisada a partir de diferentes pontos de vista. No que se diz respeito à recepção crítica, a autora foi aclamada por alguns autores dentro e fora da comunidade Chicana, o livro rapidamente ganhou repercussão. “Brilhante... o trabalho [de Cisneros] é sensível, alerta, cheio de nuances.... Rico em música e imagem.”<sup>23</sup>, escreveu Gwendolyn Brooks, uma importante escritora afro-estadunidense. Dentro da comunidade, a escritora Adriana Lopez, editora-chefe de *Críticas Magazine* “Sandra Cisneros tem uma voz com caráter, entusiasmo e habilidade esculpida. Ela não me alcançou apenas porque eu sou

---

<sup>23</sup> “Brilliant...[Cisneros 's] work is sensitive, alert, nuanced....Rich with music and picture.”

latina, ela insistiu em chegar a todos. A Casa na Rua Mango fez história literária.”<sup>24</sup> De acordo com uma reportagem feita pela *NBC News*, o livro é um *Best-seller* e vendeu mais de 6 milhões de cópias até o ano de 2019, sendo traduzido para mais de 20 idiomas, tornando-se leitura obrigatória em escolas e universidades.

Através de 44 *vignettes*<sup>25</sup> a autora desenvolve a sua narrativa, ou como a própria costuma defini-las como “colar”. A palavra emprestada do francês, que expressa curta descrição e também parte descritiva que captura um período breve no tempo, se aplica muito bem ao modo como Cisneros retrata a narrativa. Tal artifício foca mais em imagens e significados vívidos do que no enredo, podendo ser independentes, mas são mais comumente parte de uma narrativa maior. Na obra, o estilo literário adotado pela autora traz uma delicadeza para as cenas descritas e como fragmentos de uma memória em construção, ambos, personagem e leitor encontram-se entrelaçados. O percurso narrativo através de *vignettes* mostra delicadeza nas cenas, pretendendo tirar a carga pesada das descrições feitas através das lentes de uma narradora que está descobrindo o mundo. As *vignettes* tornam possível ao autor descrever a vida cotidiana e provocar uma reflexão sobre temas de forma breve e espontânea no caso da obra de Cisneros, elas se tornam peças importantes para o entendimento de um quadro em construção.

A obra tem como protagonista e narradora a preadolescente Esperanza Cordero e a acompanha através de sua jornada de autodescoberta durante um ano em que é forçada a amadurecer, traçar planos para o futuro e conviver com as discriminações impostas pela sociedade. Através dos olhos de uma jovem, o leitor é apresentado a uma gama de personagens, com destaque para as personagens femininas que enfrentam desafios recorrentes no cotidiano das mulheres na opressora e patriarcal comunidade Chicana que se encontram. A narrativa exerce uma crítica ao papel que as mulheres ocupam no âmbito familiar e social da comunidade. Como uma jovem atravessando uma fase de descobertas, Esperanza logo entende o local que a sociedade impõe a mulheres, principalmente Chicanas, e se recusa a se colocar nesta posição inferior, mesmo que seja taxada de infratora e violadora das regras.

Compartilhada por mulheres escritoras de muitas gerações, a palavra transgressão habita o dicionário delas com letra maiúscula violando qualquer norma alfabética, está junta

---

<sup>24</sup>“Sandra Cisneros has a voice with character, gusto, and chiseled craft. It didn’t just reach out to me because I am a Latina, it insisted on reaching out to everyone. *Mango Street* made literary history.”

<sup>25</sup>A opção pelo termo em francês é criar um alinhamento com o termo usado pela própria autora.

da palavra inconformidade. Woolf (1928, n.p) em seu ensaio *Um teto todo seu* associa o exercício da escrita à autonomia e à liberdade, pois acredita que as mulheres necessitam ter seu próprio espaço e privacidade para escrever, para que possam ter liberdade intelectual, emocional e de criação. Cisneros, no capítulo introdutório de *A Casa na Rua Mango* já falava sobre o ato de escrever (2009, n.p) “à noite, sob o círculo de luz de um abajur barato de metal preso à mesa da cozinha, ela se senta com papel e caneta e finge que não tem medo. Ela está tentando viver como uma escritora”<sup>26</sup>. Esperanza associava a liberdade ao fato de querer possuir uma casa grande longe da Rua Mango. A casa era algo que a aprisionava, assim como a sociedade na qual ela vivia. No intuito de encorajar as mulheres, Anzaldúa em seu livro *This Bridge Called My Back*, em parceria com outra autora Chicana, Moraga, (1983, p.163) já pontuava os riscos da escrita por mulheres de cor, em suas palavras:

Minhas queridas *hermanas*, os perigos que enfrentamos como escritoras de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muitas coisas em comum. Não temos tanto a perder - nunca tivemos privilégios. Eu queria chamar os perigos de "obstáculos", mas isso seria uma espécie de mentira. Não podemos transcender os perigos, não podemos superá-los. Devemos passar por eles e esperar que não tenhamos que repetir o desempenho<sup>27</sup>.

A personagem Esperanza atribuía ao ato da escrita um poder terapêutico, como alguém que necessita transformar a dor em palavras (Cisneros, 2009, p.44) “Eu coloco no papel e então o fantasma não dói tanto”<sup>28</sup>. Ao descrever a *Rua Mango* como "o fantasma", é como se ela já estivesse se projetando em um futuro no qual ela se afastou de sua casa de infância, e a *Rua Mango* é apenas uma memória cuja dor é aliviada pela escrita. Esperanza realmente abraça sua identidade somente no último capítulo da obra. O romance de Sandra Cisneros consiste em um misto de ficção e experiência em que a voz da protagonista funciona como eco para todas as vozes da comunidade Chicana mesmo que ainda não se mostre capaz de entender o seu potencial, ela escreve para dar vazão aos sentimentos, buscando liberdade e

---

<sup>26</sup>At night, under the circle of light from a cheap metal lamp clamped to the kitchen table, she sits with paper and a pen and pretends she's not afraid. She's trying to live like a writer.

<sup>27</sup>My dear *hermanas*, the dangers we face as women writers of color are not the same as those of white women though we have many things in common. We don't have as much to lose - we never had any privileges. I wanted to call the dangers "obstacles" but that would be a kind of lying. We can't transcend the dangers, can't rise above them. We must go through them and hope we won't have to repeat the performance.

<sup>28</sup>I put it down on paper and then the ghost does not ache so much.

descoberta, a reinvenção, fazendo alusões ao mar e vento, música e céu. Esperanza acaba escrevendo várias passagens durante a obra que remetem diretamente a estes tópicos, como em (Cisneros, 2009):

Eu quero ser  
 Como as ondas do mar,  
 Como as nuvens ao vento,  
 Mas eu sou eu.  
 Um dia eu vou pular  
 Fora da minha pele  
 vou sacudir o céu  
 Como uma centena de violinos<sup>29</sup> (CISNEROS, 2009, p. 60-61)

Claramente Esperanza busca a sua liberdade de uma teia de opressão, algo que é evidenciado em sua escrita poética. Cheio de alusões e metáforas que são claramente remetidas ao seu anseio de se atirar ao incerto e descobrir por si só a vida, Esperanza se sente sufocada. Afirma que gostaria de ser como as ondas do mar, as nuvens ao vento, gostaria de sentir-se fora de sua pele, pulando para fora de si e que gostaria de se libertar como a música de violinos. Este poema acima é lido pela própria personagem à sua tia Lupe, a qual a encoraja, para confusão da jovem. Tia Lupe a incentiva (Cisneros, 2009, p. 61) “Você só precisa se lembrar de continuar escrevendo. Isso a manterá livre, e eu disse que sim, mas naquela época eu não sabia o que ela queria dizer.”<sup>30</sup>

Como Chicana e estadunidense, a personagem transita em uma comunidade híbrida localizada entre fronteiras invisíveis, porém bastante presentes. Esperanza experimenta essa dualidade e todos os desafios que a acompanham. A identidade de Esperanza sofre com essa dualidade, que se manifesta até em seu próprio nome, que adquire um significado distinto em

---

<sup>29</sup> I want to be  
 Like the waves on the sea,  
 Like the clouds in the wind,  
 But I am me.  
 One day I'll jump  
 Out of my skin  
 I'll shake the sky  
 Like a hundred violins

<sup>30</sup>You just have to remember to keep writing. It will keep you free, and I said yes, but at that time I didn't know what she meant.

cada uma das culturas em que a protagonista transita. Estamos diante de uma personagem redonda, como definido por E.M. Foster (1927, p.63) “O teste de um personagem redondo é se ele é capaz de nos surpreender de maneira convincente. Se ele nunca nos surpreende, é plano.” A definição segue mais complexa, mas basicamente as personagens redondas são aquelas que não mantêm suas características, comportamentos e crenças durante o romance. Por se tratar de um *Bildungsroman*, ou romance de formação, possui um enredo contendo um dos elementos que implicam em um desenvolvimento de um personagem, sendo ele físico, psicológico, emocional etc. Normalmente, são personagens com uma maior complexidade, Foster ainda acrescenta que os personagens redondos (p.63) “têm aquele jeito incalculável da vida”. Os outros personagens do romance se apresentam de maneira mais plana, sem muita modificação ao longo da narrativa, cabendo mais ao leitor julgar o impacto que as personagens terão dentro do contexto da leitura. Os personagens são Nenny (Magdalena), Papa, Mama, Carlos, Kiki, Cathy, Edna, Lucy, Rachel, Meme Ortiz, Uncle Nacho, Marin, a família Vargas, Alicia, Geraldo, Earl, Sire, Mamacita, Rafaela, Sally, Minerva e as três irmãs.

Existe uma luta de autodefinição em um romance de formação, no que se refere às personagens. Esperanza é um exemplo desta busca interna. Como personagem, se encontra em um *in-between* de duas culturas, dois países, duas línguas, duas fases da vida, duas maneiras de perceber o mundo e dois sistemas de opressão. Mas na obra de Cisneros, tal ponto de dualidade não é somente experienciado pelas personagens. Os questionamentos começam a partir da definição de um gênero literário para o livro, seria um romance ou uma série de *vignettes*? Poderia ser os dois? Em seu trabalho sobre as definições de Romance (2013) Mello & Oliveira trazem a definição de Bakhtin:

Romance é a forma de expressão de um mundo inacabado, que tem uma problemática nova e específica, apresentando, portanto, traços distintivos que são a reinterpretação e a reavaliação permanente do tempo presente, representando a realidade como material de criação artística. (Mello & Oliveira, 2013, p.173)

Reinterpretação e reavaliação permanente do tempo presente é o que a obra nos proporciona através dos dilemas vividos pelas suas personagens, a partir dessa definição podemos ver que Cisneros fez a partir da criação artística uma representação da realidade em seu livro. Todas as personagens são frutos de experiências da autora, de relatos ou histórias

contadas por seus amigos, alunos e pessoas queridas. Sua obra não necessita ser definida; é normal que as pessoas busquem características semelhantes e as agrupem em categorias, porém a obra de Cisneros possui a sua própria definição, não é uma coisa nem outra, e todas ao mesmo tempo.

A luta de Esperanza é evidenciada em cada interação com os outros e consigo. Esperanza deve se definir tanto como mulher quanto como artista, e sua percepção de sua identidade muda ao longo do romance. No início do romance, Esperanza quer mudar seu nome para que possa se definir em seus próprios termos, acha que sua casa é uma prisão e deseja ter uma casa só sua (Cisneros, 2009, p.5) “Eu sabia então que tinha que ter uma casa. Uma verdadeira casa. Uma que eu poderia apontar. Mas não é isso. *A casa da Rua Mango* não é isso. Por enquanto, mamãe diz. Temporário, diz papai. Mas eu sei como essas coisas acontecem”<sup>31</sup>.

Esperanza decide que não precisa se diferenciar dos outros em seu bairro e aceita a sua herança familiar, aceitando assim o seu lugar na comunidade. Decide que a maneira mais importante de se definir é como escritora. Como escritora, ela observa e interage por meio de uma nova identidade legítima que tanto procurava. Anzaldúa (1983, p.172) encoraja a escrita por mulheres para que escrevam e de alguma forma dêem vazão aos sentimentos: “Eu digo mulher mágica, esvazie-se. Choque-se em novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma forma. Pare a conversa dentro de suas cabeças”<sup>32</sup>.

Escrever promete ajudá-la a deixar a *Rua Mango* emocionalmente e, talvez, fisicamente também, a arte promete ser a sua propulsora e está contida em sua identidade. Para Hall (2006, p.38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Esperanza estava formando a sua. Ao descobrir-se sexualmente, ela vai empurrando as barreiras para a vida adulta, mas, ao constatar que meninos crescem para serem homens violentos em sua comunidade, ela entende que deverá esperar o seu próprio amadurecimento de forma natural, prestando atenção a toda uma gama de mulheres, as quais presta a sua solidariedade. Em última análise, Esperanza entende que, mesmo quando sair da

---

<sup>31</sup>I knew then I had to have a house. A real house. One I could point to. But this isn't it. The house on Mango Street isn't it. For the time being, Mama says. Temporary, says Papa. But I know how these things go.

<sup>32</sup> I say mujer magica, empty yourself. Shock yourself into new ways of perceiving the world, shock your readers into the same. Stop the chatter inside their heads.

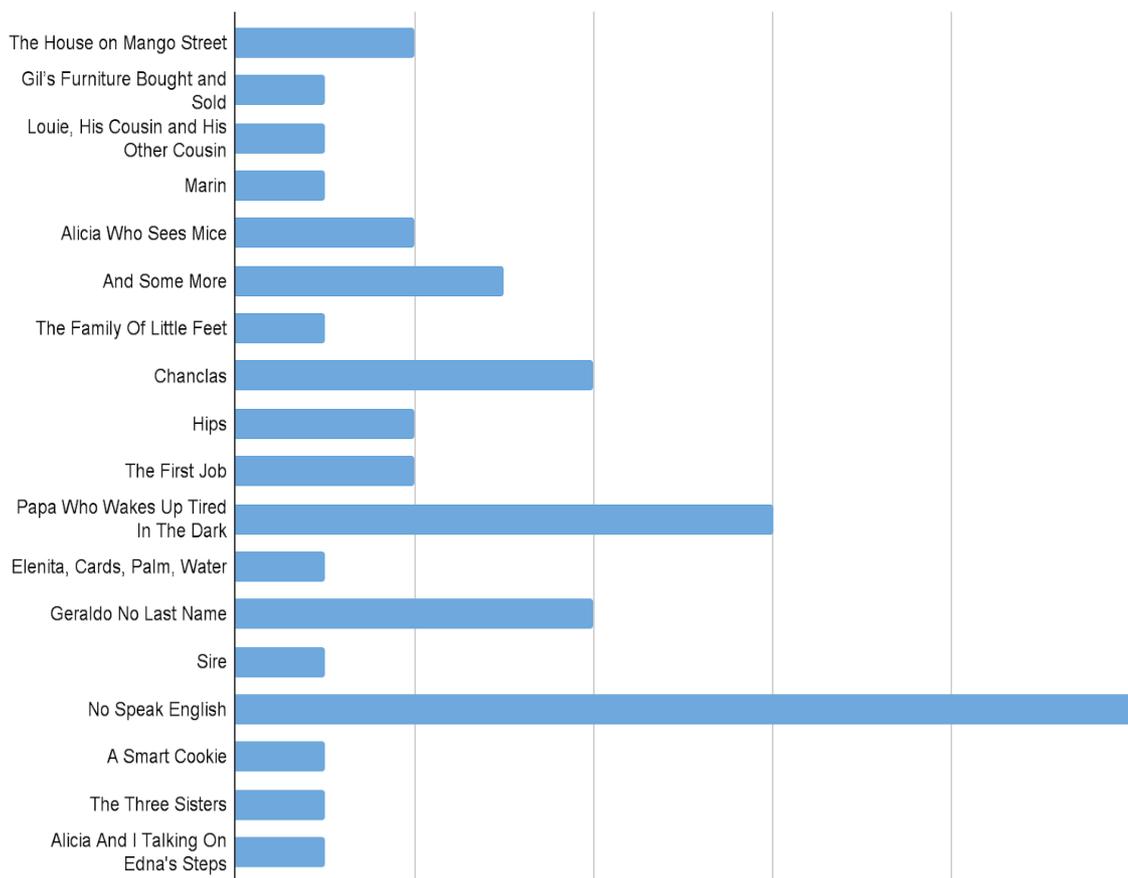
*Rua Mango*, ela continuará a assumir a responsabilidade pelas mulheres de seu bairro. Ela sente profundamente a responsabilidade e não a esquecerá.

A análise a seguir proposta, tenta se concentrar principalmente nas características linguísticas, semânticas e em algumas extensões pragmáticas dessas escolhas feitas pela autora na obra *A Casa na Rua Mango*. As estruturas linguísticas apresentadas no desenvolvimento desta análise relacionam-se diretamente com o fenômeno de *code-switching*. É esta ligação entre as características linguísticas, semânticas e o significado final que se pretende transmitir que torna a tradução difícil ou até impossível em alguns casos. Tal leitura será feita através de um olhar com base neste trabalho que nos possibilita uma análise através das fontes citadas. A variedade do inglês, chamada de inglês Chicana/Chicano, está presente em toda a obra de Sandra Cisneros, e mesmo que não tenhamos descrições fonéticas para ilustrar os sons da fala humana, torna-se desnecessário, já que o contexto fala por si só. Para esta análise buscamos contabilizar, explicitar e categorizar o uso de *code-switching* presentes na obra, à luz de Dabene & Moore (1995), que os baseia de acordo com a posição na sentença, buscando categorizá-los em intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados. A distribuição em quadros pretende dar maior clareza à análise posterior.

O gráfico 1 mostra a ocorrência de *code-switching* separada por *vignette*. São 44 no total, das quais somente 18 estão representadas. As outras não estão no gráfico por não apresentarem casos de *code-switching*. O quadro 1 apresenta o título de cada *vignette*, quantidades de *code-switchings* e a descrição da ocorrência. Serão excluídos os *code-switchings* contidos no capítulo introdutório por serem um relato sobre a autora e seu processo criativo. Exclui-se também a página de depoimentos de autores sobre a obra e a dedicatória. Títulos que estiverem em L2 serão contabilizados como *code-switchings*. Partiremos do princípio de que a manifestação de tal fenômeno no livro se dá através da palavra em itálico como recurso da autora para evidenciar a inserção de léxico da L2, mas se deve salientar que nem sempre as manifestações estão tão evidentes, pois há uma grande gama de palavras que já foram incorporadas à L1. Há também a presença de itálico para ênfase de vocabulário encontrado na obra, estes serão desconsiderados. Serão retirados os nomes próprios de personagens, mesmo que possuam ligação com espanhol, com exceção de nomes para designar um membro genérico da família e nomes de lugares. Lugares que possuem modificações na grafia, tais como *México* do espanhol, não aparecerão, pois

possuem sua equivalência em inglês *Mexico*, tais vocábulos serão considerados na análise para enriquecer a discussão. Serão acrescentadas palavras que já foram incorporadas ao inglês por representarem algo concreto, ou seja, foram incorporadas à L1, como já mencionadas anteriormente. Tais palavras serão listadas na descrição do quadro tal como aparecem no livro, se manifestando em *itálico* ou não. A distribuição em quadro (quadro 1) pretende dar maior clareza para análise posterior, mesmo se a palavra se repetir.

Gráfico 1 - *vignettes* e quantidades de *code-switching* presentes.



Fonte: Elaboração própria (2022)

Quadro 1 - Títulos das *vignettes*, quantidade de *code-switching* por *vignette* e a descrição da ocorrência:

(continua)

Título da <i>vignette</i>	Casos de CS	Descrição
The House on Mango Street	2	Mama, Papa

Quadro 1 - Títulos das *vignettes*, quantidades de *code-switching* por *vignette* e a descrição da ocorrência:

(continua)

<b>Título da <i>vignette</i></b>	<b>Casos de CS</b>	<b>Descrição</b>
Hairs	0	-
Boys and Girls	0	-
My name	0	-
Cathy Queen of Cats	0	-
Our Good Day	0	-
Laughter	0	-
Gil's Furniture Bought and Sold	1	marimba
Meme Ortiz	0	-
Louie, His Cousin and His Other Cousin	1	Puerto Rico
Marin	1	Puerto Rico
Those Who Don't	0	-
There Was An Old Woman She Had So Many Children She Didn't Know What To Do	0	-
Alicia Who Sees Mice	2	tortilla
Darius and The Clouds	0	-
And Some More	3	<i>frijoles</i>
The Family Of Little Feet	1	tamales
A Rice Sandwich	0	-
Chanclas	4	chanclas, tamales, Mama
Hips	2	<i>merengue, tembleque</i>
The First Job	2	Papa, Mama
Papa Who Wakes Up Tired In The Dark	6	<i>abuelito, está muerto, Papa.</i>
Born Bad	0	-
Elenita, Cards, Palm, Water	1	<i>los espíritus</i>

Quadro 1 - Títulos das *vignettes*, quantidades de *code-switching* por vignette e a descrição da ocorrência:

(conclusão)

<b>Título da <i>vignette</i></b>	<b>Casos de CS</b>	<b>Descrição</b>
		cumbias, salsas, rancheras,
Geraldo No Last Name	4	<i>brazer</i>
Edna's Ruthie	0	-
The Earl Of Tennessee	0	-
Sire	1	Mama
Four Skinny Trees	0	-
		<i>mamacita, mamasota, cuando,</i>
No Speak English	10	<i>ay caray</i>
Rafaela Who Drinks Coconut And Papaya Juice On Tuesdays	0	-
Sally	0	-
Minerva Writes Poems	0	-
Bums In The Attic	0	-
Beautiful And Cruel	0	-
A Smart Cookie	1	<i>comadres</i>
What Sally Said	0	-
The Monkey Garden	0	-
Red Clowns	0	-
Linoleum Roses	0	-
The Three Sisters	1	<i>las comadres</i>
Alicia And I Talking On Edna's Steps	1	Guadalajara <sup>33</sup>
A House Of My Own	0	-
Mango Says Goodbye Sometimes	0	-

Fonte: Elaboração própria (2022)

<sup>33</sup> Na obra esta palavra está escrita com letras maiúsculas para dar ênfase.

No quadro 2 encontram-se os títulos das *vignettes* que possuem ocorrência de *code-switchings*, bem como suas descrições e classificações.

Quadro 2 - Títulos das *vignettes*, descrição da ocorrência e classificação.

<b>Título da <i>vignette</i></b>	<b>Descrição</b>	<b>Classificação</b>
The House on Mango Street	Mama, Papa	Intra-sentencial
Gil's Furniture Bought and Sold	marimba	Intra-sentencial
Louie, His Cousin and His Other Cousin	Puerto Rico	Intra-sentencial
Marin	Puerto Rico	Intra-sentencial
Alicia Who Sees Mice	tortilla	Intra-sentencial
And Some More	<i>frijoles</i> , Mama	Intra-sentencial
The Family of Little Feet	tamales	Intra-sentencial
Chanclas	chanclas, tamales, Mama	Intra-sentencial
Hips	<i>merengue, tembleque</i>	Intra-sentencial
The First Job	Papa, Mama	Intra-sentencial
Papa Who Wakes Up Tired In The Dark	<i>abuelito, está muerto</i> , Papa	Intra-sentencial
Elenita, Cards, Palm, Water	<i>los espíritus</i>	Intra-sentencial
Geraldo No Last Name	cumbias, salsas, rancheras, <i>brazier</i>	Intra-sentencial
Sire	Mama	Intra-sentencial
No Speak English	<i>mamacita, mamasota, cuándo, ay caray, ay mamacita</i>	Intra-sentencial e intersentencial
A Smart Cookie	<i>comadres</i>	Intra-sentencial
The Three Sisters	<i>las comadres</i>	Intra-sentencial
Alicia And I Talking On Edna's Steps	Guadalajara	Intra-sentencial

Fonte: Elaboração própria (2022)

### 3.2 ANÁLISE DOS DADOS

O inglês e espanhol são peças importantes na obra de Sandra Cisneros. Sem fornecer nenhuma tradução, a autora busca dar um caráter identitário para a comunidade. Já que língua e identidade andam de mãos dadas, a autora procura não dissociá-las utilizando mecanismos para mantê-las unidas. As diferenças óbvias e às vezes extremas entre as duas línguas são usadas para criar um ambiente misto em que o inglês parece ser língua dominante até um segundo olhar, depois percebe-se que passa a ser um veículo transmissor de uma cultura que vai além da simples mistura de línguas. Apesar de apresentar uma predominância da língua inglesa, sendo esta responsável pela quase totalidade das interações, o espanhol ocupa um lugar de destaque, já que se torna um elo de uma comunidade, a qual possui um caráter de resistência. Cisneros adota estratégias ao longo da narrativa que criam uma variedade de idiomas (não somente os idiomas conhecidos, mas idioma como expressão, linguajar) e gêneros textuais para explicar a situação peculiar na qual se encontra a/o Chicana/Chicano que, em determinadas situações sociais, vê-se na obrigação de falar uma língua diferente. Torres (2007, p.43) faz uma categorização de como as/os autores Chicanas/Chicanos usam o espanhol em suas obras que variam desde a forma esparsa até o seu uso muito frequente para refletir a realidade encontrada na comunidade.

- A primeira, diz respeito ao uso daquelas palavras em espanhol que podem ser prontamente compreendidas por um monolíngue sem a necessidade de tradução. Entende-se por monolíngues neste caso, aqueles que possuem uma língua latina como L1, sendo o português e italiano, as que possuem maior grau de inteligibilidade com o espanhol.
- A segunda, refere-se a inclusão de palavras em espanhol imediatamente seguidas pelas traduções em inglês para evitar barreiras no entendimento por parte de leitores monolíngues.
- A terceira, trata da incorporação de texto em espanhol sem nenhuma tradução e nem o uso de itálicos para separar as línguas, dando a impressão que elas são uma só, sem divisões.

- A quarta, dá conta de que o emprego de frases longas no espanhol que são traduzidas literalmente ao inglês logo em seguida, de modo que o espanhol ainda existe em essência dentro da frase, embora esteja em inglês.

Ao escolher inserir situações de *code-switching* na narrativa, a autora afirma que o espanhol pode ser tão importante quanto o inglês para a comunidade, e que a cultura estadunidense nem sempre é a mais significativa, mesmo que a situação hegemônica diga o contrário. Na literatura, a manifestação de *code-switching* torna-se benéfica, pois, em contexto bilíngue, propõem-se desmarginalizar a linguagem adotada, tendo o objetivo de naturalizar as formas de expressão e atribuir-lhes características que podem ser legitimadas por pessoas dentro e fora da comunidade. A opressão de fato existe, ela é histórica e uma forma de revertê-la é através da resignificação das línguas, pois quem transita em diversos mundos redefine a sua própria identidade. Schmidt (2015, p.45) ressalta a importância do espanhol para a comunidade e para a literatura Chicana como igualmente significantes.

Na literatura chicana, usar o espanhol se torna uma forma de “recuperar a comunidade”. Se o espanhol é uma influência essencial em um romance, então a língua espanhola não é mais a língua inferior, mas capaz de competir em pé de igualdade com o inglês; as contribuições de cada língua são igualmente importantes para o significado geral da obra literária.<sup>34</sup> (Schmidt, 2015, p.45)

Quanto ao uso de espanhol na obra de Cisneros em destaque, podemos colocá-la na primeira categoria, que diz respeito ao uso daquelas palavras nesta língua que podem ser prontamente compreendidas por um monolíngue sem a necessidade de tradução, porém há outras que faz-se necessário o emprego de um dicionário. Faz-se necessário lembrar que o monolíngue tratado no contexto deste trabalho é aquele que possui como L1 uma língua que possui alto grau de inteligibilidade com o espanhol. A terceira, trata da incorporação de texto em espanhol sem nenhuma tradução e nem o uso de itálicos para separar as línguas, dando a impressão de que elas são uma só, sem divisões. Segundo Schmidt (2015, p.42) “textos bilíngues Chicanos/as que empregam o primeiro e o segundo método de Torres (2007), de usar quantidades desiguais de espanhol e inglês, não produzem a mensagem política e social

---

<sup>34</sup>In Chicano/a literature, using Spanish becomes a way of “takin’ the community back.” If Spanish is an essential influence in a novel, then the Spanish language is no longer the inferior language, but one that is able to compete on an equal footing with English; the contributions of each language are equally important to the overall significance of the literary work.

desejada.”<sup>35</sup> Schmidt, ainda acrescenta (2015, p.43) que o uso de tradução imediata ou de rápido reconhecimento no espanhol poderiam enfraquecer a habilidade de autoras/autores Chicanas/Chicanos de legitimar a sua própria língua e cultura. Diferentemente de Anzaldúa, Cisneros usa menos espanhol em sua obra, o que para alguns críticos soa como se a autora tivesse se entregue ao pensamento hegemônico de que só alcançaria alguma relevância se escrevesse na língua dominante, o inglês. Para ampliar um pouco a questão, deve-se salientar que não existe uma quantidade exata de léxico empregada em nenhuma das línguas que dite a relevância de uma obra. A dimensão de uma obra não deve ser medida pelo emprego do léxico contido em suas páginas, mas sim, pela relevância adquirida através da leitura feita pelas pessoas. É evidente que a relevância dada a uma obra depende de vários fatores, dentre os quais, estão os interesses subjetivos, poder de suscitar questionamentos e curiosidade do leitor. Quais propósitos estão embutidos em uma obra e o que ela acrescentará na vida de quem a lê? São questões que terão respostas diversas e bem pessoais.

Na obra há palavras já incorporadas à língua inglesa que outrora foram absorvidas do espanhol, abaixo suas descrições com número das páginas que aparecem na edição.

- *merengue* (51), *tembleque* (51), marimba (20), Puerto Rico (26), tortilla (31), tamales (47), cumbias (65), salsas (65), rancheras(65), *brazier* (66).

A partir das necessidades dos seus falantes é que a língua vai sofrendo processos de mudança ao longo do tempo, e é devido a esse dinâmico fenômeno que a língua inglesa recebeu todo este vocabulário acima listado. Tal léxico surgiu através da necessidade de um vocábulo designar algo novo dentro da cultura que o está “recebendo”, trazendo um aspecto identitário de origem. Deve-se salientar que alguns vieram como uma alternativa, já que designam objetos e lugares muito específicos e por isso houve o empréstimo consolidado na língua de destino. Uma manifestação interessante é que quando um vocábulo específico é adotado, os novos fonemas não são adotados, se por acaso não existam nessa língua. Assim, se ocorreu um empréstimo de um item lexical com um fonema que não existia na língua que o adotou, essa língua fará adaptações a esse vocábulo para, então, ser incorporado no seu léxico, mas não mudará suas regras fonológicas. Tendo em vista que estamos diante de um sistema fechado.

---

<sup>35</sup>Specifically, bilingual Chicano/a texts that employ Torres’s first and second method, of using unequal amounts of Spanish and English, do not produce the desired political and social message.

A ideia de um sujeito multifacetado e fragmentado é explicitada em toda a obra de Cisneros, seja através da linguagem, seja através das personagens ou até nos caminhos narrativos como expressões identitárias. A escolha da variedade do inglês utilizada pela autora tem como objetivo um caráter de valorização. O inglês Chicana/Chicano é presente na obra e se difere de outras variedades da língua inglesa, já que é usada pela comunidade de Chicanas/Chicanos. Ao escolher esta variedade para retratar a obra, a autora já se posiciona de modo a preservar a cultura e identidade da comunidade. Spolsky (1988, p.55) caracteriza esta movimentação como lealdade linguística, que seria a habilidade (ou falta dela) de falantes de uma língua de enfrentar a pressão de outras línguas mais poderosas. Tal fenômeno está muito presente nos Estados Unidos cujos imigrantes e populações nativas enfrentam um inexorável poder do inglês diariamente. Muitas línguas diante deste embate perdem força e gerações mais jovens preferem o uso do inglês na comunidade e em suas casas. Spolsky (1988, p.56) aponta para dois exemplos que podem retardar tal processo: o primeiro deles é o fato de um grupo escolher permanecer linguística e culturalmente recluso do *mainstream*, por conta própria, o outro é uma segregação por exclusão, perpetrada por um grupo hegemônico contra uma minoria, o que acontece as/aos Chicanas/Chicanos, quando são negados ao trabalho, moradia e educação. Essa exclusão faz com que eles não tenham acesso ao inglês, língua da assimilação.

O *code-switching* é um dos artifícios usados pela autora em toda a obra. Ao longo da narrativa, 18 das 44 *vignettes* contêm alguma expressão deste fenômeno em seu corpo ou título. Mas, ao que seria atribuído tão pouco o seu uso? Faz-se necessário o levantamento de algumas hipóteses para entender melhor a situação.

1. Uma narradora em processo de autodescoberta - A Casa na Rua Mango é *bildungsroman* que traz uma preadolescente entrando na puberdade e, sobretudo, descobrindo seu lugar no mundo. A personagem principal se encontra em um turbilhão de pensamentos tentando compreender a sua identidade como Chicana, como mulher, como escritora e como membro de uma comunidade. Esperanza necessita entender onde ela se encontra em relação a todos estes aspectos e fazer as pazes com o seu interior. O fato de ser de uma primeira ou segunda geração de Chicanas/Chicanos lhe dá uma afastamento, e por isso há uma sobrepujança da língua Inglesa, diminuindo, assim, o uso de *code-switching*.

2. O momento da escrita dedicado à deliberação - A autora Sandra Cisneros começou a definir um espaço literário Chicana/Chicano distinto de outras autoras, desafiando formas literárias e abordando temas de interesse para a comunidade. Durante o processo de confecção de uma obra é normal que haja uma filtragem de termos de *code-switching* para que seja condizente com o percurso narrativo e as mensagens que deseja transmitir.

A aplicação de *code-switching* na narrativa faz com que o leitor se engaje mais com a leitura e insira-se em uma posição de imersão na cultura de maneira a expandir a sua experiência. Tais artifícios enriquecem a narrativa e oferecem a possibilidade de violar e redefinir expectativas linguísticas convencionais, destacando o poder criativo desses na negociação de fronteiras linguísticas e sociais. Na obra, em muitos casos, a alternância se dá pela inexistência de um determinado termo na L1 que deve ser suprido com a L2. Muitas vezes, mesmo em face à existência de código na L1, existe a preferência pela L2 por razões subjetivas. As escolhas por L2 estão atreladas a diversas causas, seja por mera preferência ou necessidade, descontração ou marca identitária. Abaixo uma lista dos *code-switchings* com suas respectivas páginas de aparição na obra. Se houver mais que uma aparição, conta-se somente a primeira ocorrência.

- Termos usados em L2 com equivalência em L1- Mama (3), Papa (3), *frijoles* (37), *chanclas* (46), *abuelito* (56), *está muerto* (56), *los espíritus* (63), *mamacita* (76), *mamasota* (76), *cuándo* (78), *¡ay caray!* (78), *¡ay! mamacita* (78), *comadres* (91), *las comadres* (103).
- Termos sem tradução em L1 - marimba (20), Puerto Rico (26), Tortilla (31), tamales (47), merengue (51), tembleque (51), cumbias (65), salsas (65), rancheras (65), *brazier* (66).

Diferentemente de algumas outras obras suas e de outros autores, nesta particularmente, Sandra Cisneros aplica uma quantidade de léxico espanhol de forma moderada e deixa que o leitor interprete os seus significados dados os contextos, procurando não compensar a possível falta de conhecimento de seu leitor traduzindo as expressões. Os usos de *code-switching* não criam impeditivos para a compreensão da obra. Cisneros literalmente mostra ao seu público que duas culturas podem existir em um indivíduo, que uma não precisa necessariamente excluir a outra. Schmidt (2015, p.40) atribui tudo isso à recusa

que alguns autores têm de se encaixar somente em uma categoria, e também atribui ao fato de ser a chance que tais autores têm para moldar as opiniões de quem lê as suas obras, sobre a complexidade de cultura e identidade das/dos Chicanas/Chicanos.

Os autores Chicanos vivem entre uma variedade de culturas e a prática de mudança de código - a recusa em ser definido por apenas uma língua - exemplifica essa vida nas fronteiras ao se recusar a cair em uma categoria clara e distinta. Através da troca de código, os escritores de Chicano/a esperam moldar as opiniões do público sobre a complexidade de Chicano/a cultura e identidade<sup>36</sup>.(Schmidt, 2015, p.40)

O *code-switching* é inevitavelmente polissêmico e multifuncional, segundo a categorização de Dabene & Moore (1995), eles podem ser intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados, baseadas na posição das alternâncias na sentença. Quanto a esta classificação, quase todos os exemplos encontrados no livro se tratam da categoria intra-sentencial que pode se manifestar em qualquer lugar dentro da sentença. Vejamos primeiramente a sua classificação e depois alguns exemplos práticos (1-3). Abaixo uma lista dos *code-switchings* com suas respectivas páginas de aparição na obra, se houver mais que uma aparição, conta-se somente a primeira ocorrência.

- Termos usados em L2 de formas Intra-sentencial - Mama (3), Papa(3), Marimba (20), Puerto Rico (26), Tortilla (31), *frijoles* (37), chanclas (46), tamales (47), merengue (51), tembleque (51), *abuelito* (56), *está muerto* (56), *los espíritus* (63), cumbias (65), salsas (65), rancheras (65), *brazier* (66), *los espíritus* (63), *mamacita* (76), *mamasota* (76), *cuándo* (78), *¡ay caray!* (78), *¡ay! mamacita* (78), *comadres* (91), *las comadres* (103), Guadalajara (106).
- Termos usados em L2 de forma Intersentencial - Esse tipo de *code-switching* não ocorre no mesmo turno conversacional, mas em turnos próximos. Abaixo o exemplo (a-b).
  - a. *Ay*, she says, she is sad.
  - b. Oh, he says. Not again.
    - a. *¿Cuándo, cuándo, cuándo?* She asks.

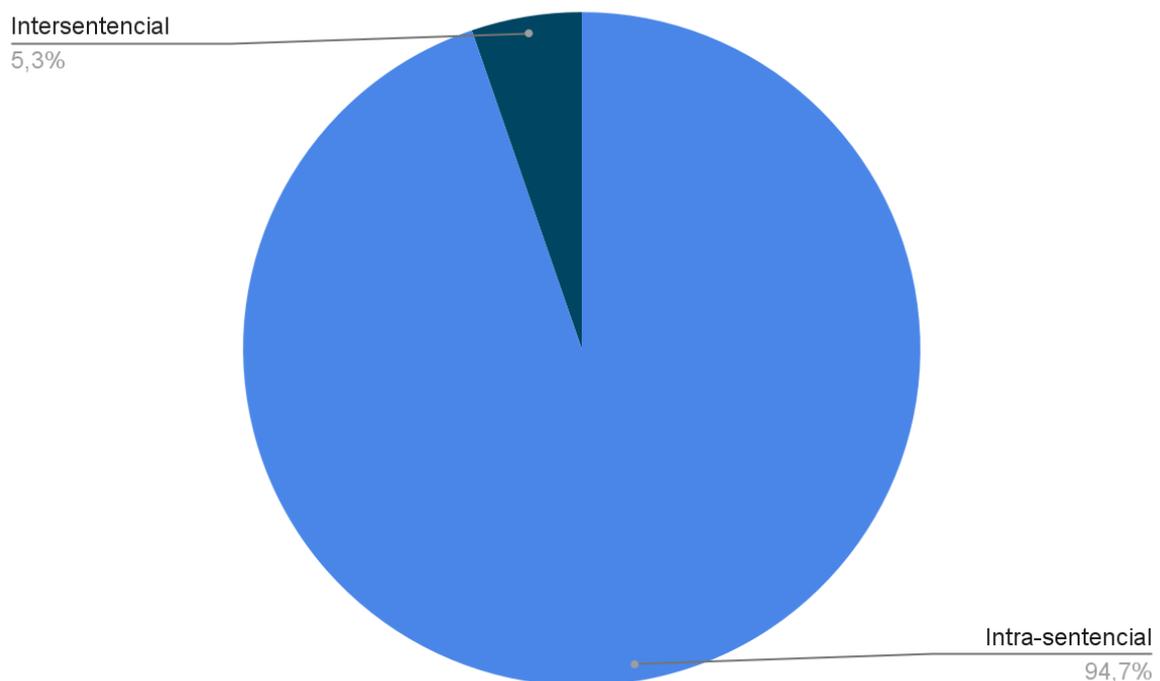
---

<sup>36</sup>Chicano/a authors live in between a variety of cultures, and the practice of code switching—the refusal to be defined by just one language—exemplifies this life in the borderlands by refusing to fall into one neat and distinct category. Through code switching, Chicano/a writers hope to mold the audience’s opinions on the complexity of Chicano/a culture and identity

b. *¡Ay, caray! We are home. This is home. Here I am and here I stay. Speak English. Speak English. Christ!*

- Não há casos de *code-switching* entre enunciados. Para categorizá-los assim, faz-se necessária uma análise mais aprofundada dos turnos de fala durante um diálogo mais extenso.

No gráfico 2 encontra-se a quantidade de ocorrências classificadas segundo os critérios de Dabene & Moore (1995).



Fonte: Elaboração própria (2022)

A manifestação de apenas um caso que pode ser categorizado como intersentencial e a inexistência de casos que podem ser categorizados como entre enunciados faz com que se possa apontar como causas, a pouca manifestação de diálogos que tragam realmente em seu conteúdo o fenômeno durante a obra. Os diálogos entrariam como auxiliares no processo de visualização de falas, dando melhor construção aos personagens. Os diálogos se tornam relevantes, pois dariam maior fluidez ao texto, além de proporcionar um contato direto entre leitor e personagens, atraindo assim a verossimilhança.

Cisneros escreve para todas e todos, a intenção de ser compreendido quando um autor escreve está implícita no ato de escrever, não se excluindo nenhum grupo. Evidentemente os grupos que terão maior identificação com a literatura através do livro *A Casa na rua Mango*

são Chicanas/Chicanos, por se tratarem de audiências primárias, mas isso não impede que nenhum leitor se identifique por outros processos além dos culturais. Ela explora o que significa para um indivíduo vir de duas origens culturais diferentes em uma sociedade que tem dificuldade em aceitar que as pessoas são muitas vezes definidas por múltiplas identidades. Através de sua incorporação de frases em espanhol em frases em inglês. Abaixo separação por categorias específicas agrupadas de acordo com sua identidade.

*Code-switchings* que remetem a lugares: os elementos conferem ao texto um caráter exótico, estrangeiro, portadores de uma carga cultural importante, as apresentadas a seguir são as que fornecem maior informação semântica - Puerto Rico, Guadalajara. O tema do lugar é recorrente na narrativa, já que ele se reflete a fluidez das personagens, em todas elas há o desejo de pertencimento e eles flutuam entre o lugar ideal, o real, e o lugar imaginado. Como quando a personagem Esperanza observa uma casa que se parecia com as que ela havia vista no México (Cisneros, 2009, p.17-18) “Olhe para aquela casa, eu disse, parece o México”<sup>37</sup>.

*Code-switchings* que remetem a comida: é um tema recorrente na obra de Cisneros e sua escolha do espanhol refere-se ao assunto culinário é produto da natureza intraduzível desses termos uma vez que são o resultado de uma formação cultural específica que não pode ser traduzida como basta fazer uma tradução literal. - tortilla, *frijoles*, tamales, *merengue*, *tembleque*. Quando as garotas, Nenny, Esperanza, Lucy e Rachel estão falando sobre nuvens, elas discutem e começam a chamar nomes, quando a discussão fica mais acalorada, elas insultam as mães umas das outras de feias é quando surgem outras comparações (Cisneros, 2009, p.37 “Estou dizendo que sua mãe é feia como...ummm... como pés descalços em setembro...[...] *frijoles* frios<sup>38</sup>”. De certa forma, para as garotas é um insulto chamar a mãe uma da outra de feijões frios, em uma sociedade baseada no patriarcado, o insulto às habilidades culinárias alheias, seria uma lembrança inconsciente do local que é legado a mulher no contexto da comunidade.

A comunidade Chicana usa o espanhol no ambiente familiar, na maioria das vezes propiciado pelo fato de que os chefes de família nunca chegaram a dominar o inglês e continuam a usar o espanhol no ambiente familiar. Os termos são: Mama,Papa, abuelito,comadres, las comadres, los espíritus, mamacita, mamasota, *brazier*. A comunidade também se apropria de palavras ou frases que exprimem uma emoção, uma sensação, uma

<sup>37</sup>Look at that house, I said, it looks like Mexico.

<sup>38</sup>I'm saying your mama's ugly like ... ummm ... .. like bare feet in September! Cold Frijoles

ordem, um apelo, as chamadas interjeições para expressar suas emoções. Os termos encontrados são: *Ay, ¡Ay, caray!* A personagem Mamacita é um exemplo de personagem que resiste às tentações da mistura de línguas e prefere falar sempre o espanhol, fazendo com que de certa forma ela se aproxime da terra deixada. Em oposição, o seu marido quer que ela fale em inglês, fazendo questão de enfatizar que os EUA são a casa dele. (Cisneros, 2009, p. 78) Ai, cara! Estamos em casa. Este é o lar. Aqui estou e aqui eu fico. Fale Inglês. Fale Inglês. Cristo!<sup>39</sup>

*Code-switchings* que fazem parte do identitário musical: marimba, cumbias, salsas, rancheras. A cultura Mexicana, assim como a cultura da América Latina é cheia de ritmos que são popularmente conhecidos. Os chicanos receberam do México uma enorme herança musical e esta é passada para a frente nos dias atuais. Faz parte desta categoria o léxico relacionado à música, assim como na obra, quando Esperanza narra quando Marin conhece a Geraldo mencionando o fato que ela sabia dançar todos estes ritmos (Cisneros, 2009, p. 65) “Ela gosta de dançar. Ela sabe fazer cumbias e salsas e até rancheras”<sup>40</sup>.

*Code-switching* depreciativo: O termo *brazer* vem de *bracero*. As declarações da personagem Esperanza podem ser o comentário imaginado dos funcionários do hospital e da polícia que entrevistam Marin, fazendo-lhe perguntas sobre o homem não identificado que foi morto. Geraldo é considerado uma perda insignificante por causa de sua falta de conexões pessoais, sua nacionalidade e sua condição de trabalhador. “Mas que diferença faz? Ele não era nada para ela [...] Só mais um brasileiro que não falava inglês. Apenas mais um molhado. Você conhece o tipo. Os que sempre parecem envergonhados”<sup>41</sup>.

*Code-switching* autodepreciativo *chanclas*: a sua tradução seria apenas sandália, mas em gíria popular é usada para referir-se a garotas feias. Este é o nome do capítulo e esta opção por esta palavra é para representar como Esperanza se sente sobre a sua aparência, na turbulência da adolescência e como o seu calçado significa a situação que ela se encontra de pobreza.

Ao longo da obra são múltiplos os exemplos de alternância de códigos do tipo lexical que não se enquadra em nenhuma das categorias já especificadas e que pertencem a campos semânticos díspares; alguns exemplos são: *está muerto, chanclas, cuándo*.

<sup>39</sup>Ay, caray! We are home. This is home. Here I am and here I stay. Speak English. Speak English. Christ!

<sup>40</sup>She likes to dance. She knows how to do cumbias and salsas and rancheras even.

<sup>41</sup>But what difference does it make? He wasn't anything to her [...] Just another brazer who didn't speak English. Just another wetback. You know the kind. The ones who always look ashamed.

Abaixo estão listados os vocábulos como aparecem no livro:

- Léxico da L2 em itálico - *frijoles* (37), *merengue* (51), *tembleque* (51), *abuelito* (56), *está muerto* (56), *los espíritus* (63), *brazier* (66), *mamacita* (76), *mamasota* (76), *cuándo* (78), *¡ay caray!* (78), *¡ay! mamacita* (78), *comadres* (91), *las comadres* (103).
- Léxico da L2 já incorporado a L1, sem itálico - Mama (3), Papa (3), marimba (20), Puerto Rico (26), Tortilla (31), tamales (47), cumbias (65), salsas (65), rancheras(65).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Localizado entre dois campos de estudo, a sociolinguística e a literatura, este trabalho buscou uni-los, trazendo uma perspectiva de análise que propõe voltar suas lentes para a cultura, identidade, história e valores da comunidade Chicana através dos fenômenos linguísticos encontrados na obra de Sandra Cisneros, *A Casa na Rua Mango*. O *code-switching* é o fenômeno de maior visão quando se fala em contato de línguas, indo além da sua mistura desordenada, possuindo uma lógica para seus falantes. Ainda muito questionado pelos teóricos, que divergem em teorias para defini-lo e delimitá-lo, tal trabalho se concentrou na abrangência do termo e buscou a partir dele definir o material de estudo. Com uma leitura mais profunda através do material fornecido pela obra *A Casa na Rua Mango*, fez-se possível destacar os elementos distintivos da cultura Chicana que transmite, não somente ela mesma através da linguagem, mas todo um conjunto de valores passados de geração a geração.

Revisitamos algumas noções de identidades para explicá-las como se comportam no mundo moderno, frente a processos hegemônicos que a colocam em teste a todo momento. O sujeito fragmentado se apresenta multifacetado, em constante renegociação, enquadrando-se como precário e passível de mutação. Este sujeito é representado na obra através das personagens que transitam em duas culturas, frutos de um *in-between*, um hibridismo, são identidades forjadas em uma fronteira física e metafísica. Com o advento da globalização e de suas consequências sociais e culturais mais evidentes, a questão do hibridismo e da identidade linguística assumiram uma posição de destaque, criando-se um cenário propício à resistência e à luta pela visibilidade. Nesse cenário, conforme procuramos demonstrar nas seções anteriores, a contribuição do fenômeno linguístico *code-switching* foi de trazer um caráter

distintivo à linguagem dos falantes, resgatar valores e tradições de uma cultura que por muito tempo foi relegada à marginalidade e atenuar preconceitos.

A perda de uma identidade específica e a formação de outras foi também um aspecto abundantemente explorado por escritores e artistas Chicanas/Chicanos contemporâneos, devido aos seus múltiplos níveis de significância. A literatura Chicana é parte importante neste processo já que atua na desconstrução dos discursos e narrativas que legitimavam o poder hegemônico e que marginaliza e segrega um povo, atuando também como promoção para seus membros e não-membros. A comunidade Chicana/Chicano se beneficia da literatura como uma maneira de forjar a sua resistência e se definir propriamente como sociedade perante uma cultura dominante imposta. Neste ponto a ficção de Cisneros desafia tanto as convenções sociais, quanto as literárias, com sua experimentação ousada com as *vignettes* uma forma híbrida que tece poesia em prosa, Cisneros alterna entre os modos de narrativa, refletindo assim o hibridismo presente na cultura evidenciando o cotidiano de uma comunidade através de suas personagens, com destaque para as personagens femininas que enfrentam desafios recorrentes no cotidiano das mulheres na opressora e patriarcal comunidade Chicana/Chicano que se encontram. A narrativa exerce uma crítica ao papel que as mulheres ocupam no âmbito familiar e social da comunidade, bem como ao contexto de marginalização que a própria comunidade está inserida. Como uma jovem atravessando uma fase de descobertas, Esperanza Cordero logo entende o local que a sociedade impõe às/aos Chicanas/Chicanos, às mulheres e principalmente às mulheres Chicanas, e se recusa a colocar-se numa posição de conformidade.

Como elemento distintivo desta comunidade, a língua se apresenta como marcador identitário, apresentando características naturais de contato entre elas, o *code-switching* é um fenômeno bastante evidente em falantes que vivem nesta comunidade bilíngue. Para analisar os seus usos dentro da narrativa, recorreremos às *vignettes* da obra *A Casa Na Rua Mango*, das 44, apenas 18 apresentavam este fenômeno. Tal causa está ligada à situação de comportamento juvenil e amadurecimento, mas não somente a isso. A personagem Esperanza quer mudar sua vida, tecer para si uma narrativa mais condizente com o que ela acredita. Ela deseja afastar-se da cultura patriarcal e das teias opressoras que vivencia todos os dias, ao mesmo passo que quer fugir da hegemonia que a sufoca. A ideia de identidades fluidas e fragmentadas se encaixa muito bem à personagem Esperanza que se percebe de uma forma

híbrida. Os usos de *code-switching* encontrados não criam impeditivos para a compreensão da obra. Cisneros literalmente mostra ao seu público que duas culturas podem existir em um indivíduo, que uma não precisa necessariamente excluir a outra. Através de quadros que nos possibilitam visualizar a categorização dos *code-switchings* através de suas posições na sentença e nos turnos como intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados, foi possível constatar que a obra apresentava poucos diálogos que continham o fenômeno impossibilitando assim, as suas classificações desse fenômeno em categorias. Outro fator atribuído para a ausência de uma quantidade substancial de *code-switching* seria a deliberação da autora na hora da escrita.

É perceptível o grau de complexidade na maneira de agrupá-los, dada a singularidade e variedade do fenômeno. O objetivo foi estabelecer um elo entre características linguísticas, semânticas e escolhas narrativas fornecidas através da obra, buscando interpretá-las à luz de alguns teóricos que nos forneceram bases para entender os processos ligados ao fenômeno. Neste trabalho, o *code-switching* retirado da obra pode ser dividido em algumas categorias de importância para a comunidade, e que nos possibilitaram uma visão macro da dinâmica da língua. Deve-se salientar que a tentativa de agrupá-las não representa uma tentativa de reduzi-los, e sim entender este fenômeno tão presente na comunidade e que se tornou parte de seu arcabouço identitário. É de suma importância respeitar a história de um povo, conhecendo seus valores através de gerações que se dedicam a preservar a história, valores e cultura. Todas as categorias refletem a formação de identitário como povo Chicana/Chicano.

## REFERÊNCIAS

ALANIZ, Yolanda & CORNISH, Megan. **Viva La Raza: A History of Chicano Identity and Resistance**. Seattle, WA: Red Letter Press, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/ La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987. Print.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

CISNEROS, Sandra. **The House on Mango Street**. New York: Paperback, 2009.

CISNEROS, Sandra. Disponível em: <<https://www.sandracisneros.com/>>. Acesso em: Acesso em 14.04.2022

DABENE, Louis & MOORE, Danièle. **Bilingual speech of migrant people**. In: MILROY, L. & MUYSKEN, P. One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FLORY, Elizabete V. & Souza, Maria Thereza C. C. de . **Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações**. Revista Intercâmbio, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GOLDMAN, S. M. & YBARRA-FRAUSTO, Tomás (comp.), (1985), **Arte Chicano: a Comprehensive Annotated Bibliography of Chicano Art, 1965-1981**, Berkeley, Chicano Studies Library Publications Unit, University of California.

GUMPERZ, J. J. **Language and Social Identity**, Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

GUPTA, S. **Globalization and Literature**. Cambridge: Polity Press, 2009.

GUZMAN, Sandra. **At 64, PEN America winner Sandra Cisneros is just getting started**. NBC News. 12 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/latino/64-pen-winner-sandra-cisneros-just-getting-started-n970076>>. Acesso em: 12.04.2022

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

KACHRU, Braj B.; KACHRU, Yamuna; NELSON, Cecil L. (Ed.). **The handbook of world Englishes**. Malden e Oxford: Blackwell Publishing, 2009.

LESSA DE JESUS SANTOS, Lidiane. (2020). **Identidade chicana em the house on mango street de sandra cisneros**. *Revista (Entre Parênteses)*, 9(2). Disponível em: <<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1209>> Acesso em: 20.04.2022

MELLO, C. J. de A.; OLIVEIRA, V. da S. **Novel: problematic or ambivalent genre?** *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 172-181, 2013.

MIGDADI, H. F., YUNUS, K., & AL.GARNI, A.-F. **A Global View towards Understanding of Standard and Non-Standard Varieties of English**. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*,(2020) 10(2), 103–115.

MORAGA, Cherrie & ANZALDÚA, Gloria. **This Bridge Called My Back**. Persephone Press, 1981.

NESELLO, Marcela. **Multilinguismo, bilinguismo e plurilinguismo: o que é cada um?**  
<<https://www.edifyeducation.com.br/blog/multilinguismo-bilinguismo-plurilinguismo-o-que-e-cada-um/>> Acesso em: 09.05.2022

PORTILHO, Carla de Figueiredo. **Filhos de culturas divorciadas: uma introdução à literatura chicana**. In: abehache 15, 2019, 28-39.

RAMÍREZ, Irina Córdoba. **Programa Bracero**. Disponível em:  
<[https://memoricamexico.gob.mx/es/memorica/programa\\_bracero](https://memoricamexico.gob.mx/es/memorica/programa_bracero)> Acesso em: 30.05.2022

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (p. 11-31)

SALAZAR, Ruben. **Column: Who Is a Chicano? And What Is It the Chicanos Want?** La Times. Los Angeles, 06 de fevereiro de 1970. Disponível em:  
<<https://www.latimes.com/california/story/1970-02-06/who-is-a-chicano-and-what-is-it-the-chicanos-want#:~:text=A%20Chicano%20is%20a%20Mexican,to%20the%20%E2%80%9CNew%20World.%E2%80%9D>>. Acesso em: 12.04.2022

SANTOS, Milton. **Pensando no espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 23-24

SANTOS, Milton. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: 8ª ed. Record, 2005

SCHMIDT, Margaret. **The Limitations of Code Switching in Chicano/a Literature**. Young Scholars in Writing, 8, 40-51. 2015

SILVA, Valdenildo Pedro da. **Ferramentas da nova era e a exclusão digital**: alguns dados interessantes. p. 36-43. In. *Novas tecnologias no ensino de geografia: possibilidades e limites em questão*. Tese de Doutorado. Doutorado em Geografia. UFRJ, 2005

SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. Oxford.University Press.1988

SULLIVAN, Andrew. **Defining La Raza By The Daily Dish**. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/daily-dish/archive/2009/05/defining-la-raza/201238/>> Acesso em: 12.04.2022

TORRES, Lourdes. **In the Contact Zone**: Code-Switching Strategies by Latino/a Writers. *Melus*: 75–96. JSTOR. (2007)

VAHIA, Elisabete. **O movimento Chicano**. Motel Coimbra, 2013. Disponível em: <<http://www.motelcoimbra.pt/wp-content/uploads/2013/05/O-MOVIMENTOCHICANO.pdf>>. Acesso em: 06 de maio. 2022.

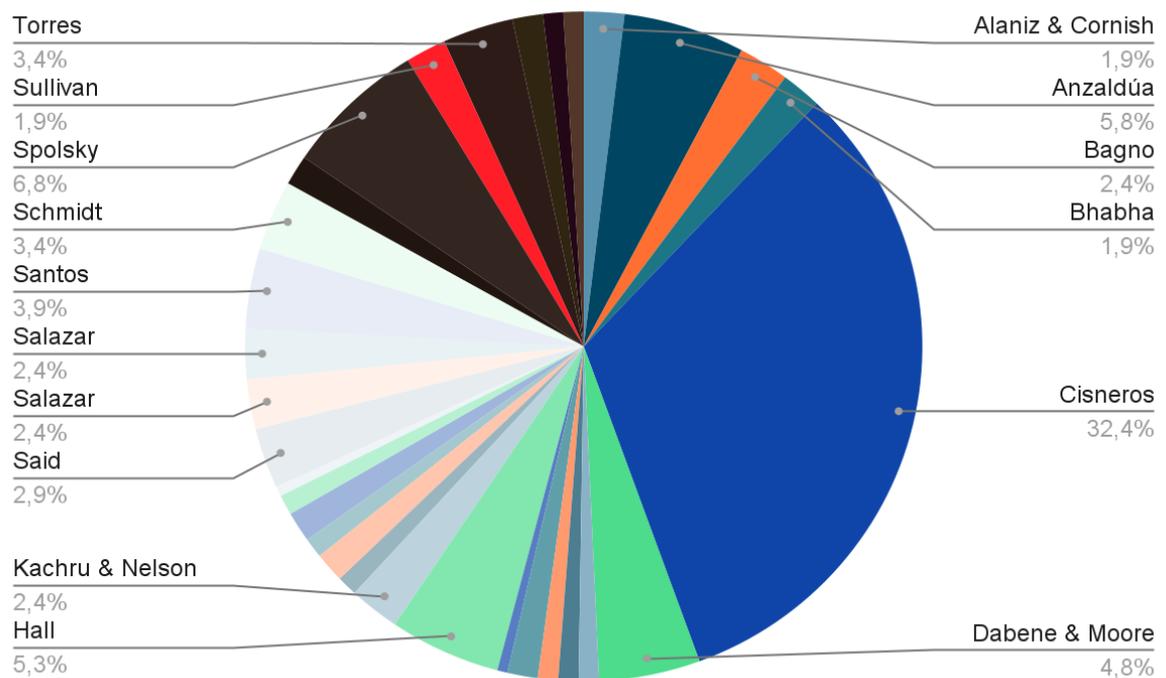
VOGT, H. , **Language contacts**, *Word*, 10, 2-3, pp. 365-374 (1954)

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro S.A.,1928.

## APÊNDICE A - GRÁFICO DE AUTORES

Para propiciar maior clareza das referências utilizadas durante a confecção deste trabalho acadêmico, resolvo fazer um apanhado dos autores utilizados com devidas porcentagens. Tais números representam as suas menções ao longo da construção deste trabalho.

Gráfico 3 - Autores utilizados durante a elaboração e porcentagens de contribuição no trabalho de conclusão de curso.



Fonte: Elaboração própria (2022)